

***Relatório semanal de Conjuntura  
e Mercado Financeiro***

**(Período de 30/03/09 a 03/04/09)**

"Os países farão tudo o que for necessário para vencer esta que é a maior crise econômica dos tempos modernos". Esta tradução livre do discurso do primeiro ministro britânico, Gordon Brown, deu o tom da reunião do G-20 esta semana, onde os principais chefes de estado do mundo reunidos em Londres deram um recado encorajador. Reuniões como a do G-20, onde se reúnem muitos países, com interesses diferentes e pontos de vista conflitantes, normalmente não produzem nada de concreto, ficam só em promessas e acordos falsos ou artificiais para não contrariar as partes. Pois bem, desta vez foi diferente: a gravidade da crise deixou latente o sentimento de urgência, fazendo com que os chefes de estado fossem objetivos, levando a que decisões fossem, de fato, tomadas.

Foi uma reunião diferente por vários aspectos e, dentre eles, alguns se destacaram mais: foi abandonada a idéia do G-7 ou G-8, incluindo também países como China, Brasil e África do Sul, mostrando a diversidade do novo poder mundial; a estrutura de voto e voz dos organismos financeiros internacionais será revista; os dirigentes receberão uma autorização para reformarem o sistema de cotas e votos dos sexagenários de Bretton Woods até janeiro de 2011; os recursos que serão disponibilizados pelos países serão destinados a quem de fato irá distribuí-los e pra quem realmente precisa, ou seja, fortalecerão o FMI que financiará o comércio, os países mais atingidos pela crise e, sobretudo, os muito pobres; será feito um cerco aos paraísos fiscais, atacando de frente a corrupção e a lavagem de dinheiro, criando uma lista de países paraísos que força a solução do problema; aumentará a fiscalização nos fundos de alto risco; acabará a super alavancagem dos bancos; e serão fiscalizadas também as agências de classificação de risco. Isto tudo sem esquecer, é claro, a questão ambiental, onde Barack Obama tem papel fundamental, e onde se estabeleceu que a recuperação do mundo terá que ser verde, ou seja, os investimentos deverão estimular as economias indicando o caminho da produção de baixo carbono.

Ademais, em um momento onde o mundo precisa de líderes para sair da crise, o primeiro ministro britânico Gordon Brown mostrou extrema poder de articulação; Barack Obama mais uma vez se saiu muito bem, se mostrando empenhado, cooperativo e essencial; e o nosso presidente Lula também se destacou, marcando posição em várias questões que foram vitoriosas. Isto sem falar nos outros emergentes que foram ouvidos e em outros líderes que defenderam suas posições, como Nicolas Sarkozy, da França, e Angela Merkel, da Alemanha. O mundo sai da reunião com a sensação de que não está mais desgovernado.

Para melhorar, um comitê que vai monitorar o cumprimento das promessas foi criado e uma nova reunião já está marcada para este ano ainda.

Especificamente para o Brasil, muito cuidado deve ser tomado com a nova ordem defendida na reunião de relaxamento fiscal e monetário. Os gastos públicos aumentaram num momento de queda de arrecadação, mas não são gastos feitos para que amanhã haja mais crescimento e, portanto, mais arrecadação: o que mais subiu foi o gasto com pessoal, os gastos com o custeio da máquina, e não os investimentos. A carga fiscal é alta e o Brasil não fez política contra-cíclica na época do boom, acumulando, ainda por cima, uma dívida alta. Fora isso, com a inflação encarada como o menor dos problemas, ou até, não mais um problema, os juros altíssimos do Brasil ficam cada vez mais sem sentido.

Para citar os BRICs, Jim O'Neill, o criador do termo BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) e economista-chefe do banco de investimentos Goldman Sachs, acha que depois da Rússia, o Brasil será o mais afetado pela crise entre os quatro países do grupo. "A crise é tão grave que está afetando negativamente todo mundo, incluindo os BRICs. Mas entre os BRICs temos que olhar especificamente para cada um, porque os aspectos da crise são diferentes. Para resumir de maneira simples, quase sem dúvida a Rússia vai sofrer mais, e o Brasil em seguida, por serem produtores de commodities. A China parece estar lidando melhor com a crise, apesar do fato de ser um grande exportador. E a Índia está um pouco

atrás. Então, a China parece estar na situação menos grave e a Rússia na mais grave", afirmou ele em entrevista à BBC Brasil. De acordo com O'Neill, a grande vantagem do Brasil para enfrentar a crise é a estrutura macroeconômica implementada nos últimos dois governos, ou seja, a inflação sob controle, as contas do governo bem administradas, o Banco Central atuando de forma independente e o governo tendo responsabilidade nos gastos. O'Neill acredita que a crise não impedirá os quatro países de se tornarem potências econômicas nos próximos 20 anos, pelo contrário, pode até mesmo acelerar o processo.

## **Cenário Internacional**

Só para deixar claras as medidas estabelecidas na cúpula do G-20, reunida na quinta-feira no Reino Unido, tivemos a confirmação de um pacote de US\$ 1,1 trilhão destinado a estimular a economia mundial. A reação dos mercados foi muito positiva, tanto pelo consenso em torno da necessidade de maior regulamentação do sistema financeiro, como, principalmente, pela injeção de recursos no Fundo Monetário Internacional (FMI), dando à instituição a capacidade de socorrer as nações que enfrentem eventuais problemas de financiamento internacional como decorrência da crise. Em entrevista à imprensa depois da Reunião do G-20, o primeiro-ministro de Reino Unido anunciou que a ação coordenada dos países de expansão da liquidez internacional alcançará US\$ 5 trilhões até o final de 2010: desse montante, US\$ 750 bilhões deverão ser destinados a aumentar os recursos para empréstimo do FMI, direcionando US\$ 250 bilhões das reservas monetárias para uma nova alocação de Direitos Especiais de Saque (DES), US\$ 100 bilhões destinados a empréstimos adicionais de bancos de desenvolvimento, além de US\$ 250 bilhões para o financiamento do comércio. O FMI ainda pretende vender parte de sua reserva de ouro para poder ampliar em US\$ 6 bilhões sua possibilidade de empréstimos para países em necessidade. Adicionalmente, os líderes do G-20 se comprometeram, em seu comunicado final, a realizar todas as tentativas para que a crise termine até 2010, e houve consenso em relação ao aumento da regulação do sistema financeiro e à retomada da rodada Doha.

Na mesma linha, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) assumiu o compromisso de iniciar um processo de aumento de capital. Com esse aumento, poderá ampliar a concessão de crédito para a América Latina, com o objetivo de reduzir os impactos da crise na economia desses países, que vêm sofrendo com a queda de demanda interna e externa. Para o presidente do BID, Luis Carlos

Moreno, o aporte deverá ser de US\$ 150 bilhões a US\$ 180 bilhões, isso é, mais do que dobrar o total de capital do banco, que hoje é de cerca de US\$ 100 bilhões. Os países mais pobres serão atendidos pelo Fundo de Operações Especiais. A aprovação de medidas de aumento de capital do BID em geral demora alguns anos para ser realizada, no entanto, devido à urgência necessária para ampliar a concessão de crédito a esses países, o processo poderá durar cerca de um ano, e estar disponível aos países já em 2010.

Com a mesma preocupação, o Banco Mundial anunciou na quinta-feira um novo programa de financiamento, chamado de Programa de Liquidez do Comércio Global, que terá US\$ 50 bilhões de recursos e começará a funcionar em maio. O objetivo do plano é evitar uma deterioração adicional no comércio mundial, que sofreu forte redução com o aumento das restrições de crédito e com a queda acentuada da demanda resultantes da crise internacional. Os recursos serão direcionados para financiar exportadores e importadores em países desenvolvidos, e serão provenientes de instituições financeiras, bancos e governos.

Em entrevista publicada na quarta-feira, Dominique Strauss-Kahn, diretor-gerente do FMI, afirmou acreditar que a economia mundial se contrairá entre 0,5 e 1% neste ano. Ele acrescentou que uma recuperação pode ocorrer no início do próximo ano.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) reduziu sua previsão para a economia mundial na terça-feira, prevendo agora uma contração de 4,3% em 2009, ante estimativa anterior de queda de 0,4%. Para o Brasil, o grupo também projeta uma retração neste ano, de 0,3%, e vê uma recuperação em 2010 para um crescimento de 3,8%. O economista-chefe da OCDE, Klaus Schmidt-Hebbel, disse que o desemprego nos países do G-7 deve praticamente dobrar, para 36 milhões de pessoas, enquanto na região da OCDE deve aumentar em 25 milhões até o fim de 2010.

A OCDE projeta também queda ainda maior do comércio mundial, de 13,2% este ano, perante contração de 9% estimada pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Segundo a OCDE, o comércio internacional continuará em queda livre no primeiro semestre, mas poderá frear essa situação até o fim do ano e registrar uma recuperação em 2010 graças, principalmente, ao crescimento de emergentes como China, Índia e Brasil. Depois de ter crescimento médio de 8% nos últimos anos, o comércio mundial entrou em colapso no último trimestre do ano passado, afetando todas as regiões e registrando os piores resultados em décadas. Para a OCDE, a contração não pode ser explicada apenas pela diminuição do financiamento ao comércio e pela relutância dos bancos em emprestar. A seca de financiamento é maior do que em crises anteriores, mas, sobretudo, parece haver um vínculo mais forte do que se pensava entre atividade e comércio como resultado da globalização das cadeias de suprimento de mercadorias. Para o primeiro trimestre deste ano, a estimativa é de queda de 22,7% nas trocas globais. Em todas as regiões, a produção industrial foi afetada de maneira especialmente dura, refletindo a integração das economias. Assim, as economias que mais sofreram com a queda das exportações têm sido a Alemanha e o Japão entre os países industrializados, mais do que aqueles países mais afetados pela crise financeira. O valor das exportações em países da Ásia caiu mais de 30% também no primeiro trimestre deste ano, mas na avaliação da OCDE essa excepcional contração pode ter fim ainda este ano.

Na revisão do relatório Global Economic Outlook (Perspectivas Econômicas Globais, em tradução livre), divulgado pelo Banco Mundial (Bird) na terça-feira, as perspectivas de crescimento da economia brasileira foram revistas para baixo, com previsão de crescimento para o país de apenas 0,5% este ano, mas com previsão de recuperação em 2010, crescendo 2,3% (a última edição do documento, datada de dezembro, estimava que o crescimento econômico brasileiro para 2009 seria de 2,8%). Os dados relativos à economia global são

mais sombrios: o Bird afirma que o PIB global deverá se contrair em 1,7% neste ano, mas prevê uma recuperação para o ano que vem, quando a projeção é de um crescimento de 2,3%. A queda de 2009, de acordo com o documento, representa o primeiro registro de declínio mundial de produção. O PIB dos países emergentes também sofrerá um baque, na avaliação do órgão, passando do índice de crescimento 5,8% em 2008 para 2,1% em 2009, em contraste com a estimativa feita no relatório de dezembro, que era de 4,4% para este ano. De acordo com o Bird, duas grandes regiões sofrerão declínios: a América Latina e o Caribe, e as nações em desenvolvimento da Europa e Ásia Central. Países que possuem fortes laços comerciais com os Estados Unidos, como o México, afirma o Bird, estão compartilhando com o país a crise das montadoras e das indústrias americanas como um todo. Além disso, outras nações da região também vêm sofrendo com o declínio das remessas enviadas por imigrantes residentes nos Estados Unidos, por conta da crise no setor de construção, que emprega muitos latino-americanos. Entre os países emergentes, a China terá disparado o melhor desempenho, ainda que este tenha ficado aquém da estimativa anterior feita pelo Bird: o relatório fala em um crescimento chinês de 6,5% para este ano e de 7,5% para 2010, mas a projeção de dezembro passado era de 7,5% em 2009 e 8,5% em 2010. As duas outras nações que constituem os BRICs terão, segundo a previsão do Banco Mundial, atuações contrastantes para este ano: a perspectiva de crescimento para a Índia é de 3,7% para 2009 e de 6,2% para o ano que vem; já no caso da Rússia, o relatório prevê um declínio econômico de 4,5% neste ano (a avaliação para 2010 é de que o país tenha crescimento zero). Finalmente, o Bird avalia que os Estados Unidos sofrerão uma queda ainda mais acentuada do que aquela prevista em seu documento anterior: para este ano, o Banco Mundial prevê que a economia americana sofra uma retração de 2,4%. O país, no entanto, deve voltar a crescer a uma faixa de 2% no ano que vem (no relatório do ano passado, o órgão estimava um declínio de 0,5% em 2009, mas já antevia um crescimento de 2% em 2010).

Analisando agora os dados para a economia real, nos Estados Unidos, o Congresso, controlado pelos democratas, aprovou na noite de quinta-feira o anteprojeto orçamentário que adota as propostas do presidente Barack Obama. A Câmara dos Deputados e o Senado aprovaram versões ligeiramente diferentes, ambas menos custosas do que o plano orçamentário de Obama, de 3,55 trilhões de dólares para o ano fiscal de 2010, que começa em 1 de outubro. Tanto a versão da Câmara quanto a do Senado prorrogam alguns cortes tributários para a classe média, enquanto deixam espaço para a elevação da carga fiscal sobre os mais ricos, sendo que as diferenças serão resolvidas nas próximas semanas. Obama tem dito que o orçamento proposto será essencial para reverter a recessão e permitir reformas relativas a saúde, educação e mudança climática, que ele pretende submeter ao Congresso ainda neste ano.

Em relação aos indicadores econômicos para a economia norte-americana, após o crescimento na margem do consumo real das famílias ter sido revisto para 0,7% em janeiro, observou-se um pequeno recuo de 0,2% em fevereiro. Em termos nominais, porém, a elevação foi de 0,2%, considerando que o índice de preços PCE foi positivo em 0,35% no período. No mesmo sentido, a renda total das famílias também se reduziu em 0,2% em fevereiro, sendo puxada por quedas em diversos componentes, tais como salários, aluguéis e retornos de ativos. Já os gastos pessoais subiram 0,2%, contrariando dados de confiança do consumidor reportados nos dois primeiros meses do ano. A poupança, por sua vez, pelo segundo mês consecutivo permaneceu acima de 4%: 4,2% em fevereiro e 4,4% em janeiro.

Em termos de sensibilidade dos agentes econômicos, o índice de confiança do consumidor do Conference Board recuperou-se ligeiramente em março, de 25,3 (recorde de baixa) para 26 pontos, puxado pelo componente de expectativas para o futuro, que subiu 1,6 pontos para 28,9. Porém, a percepção do consumidor acerca do presente voltou a cair, atingindo o menor nível desde 1980, assim

como a percepção acerca do mercado de trabalho, que aponta para a continuação da deterioração neste setor. Em relação à atividade industrial, o indicador dos gerentes de compra de Chicago (PMI) recuou de 34,2 para 31,4 pontos em março, resultado que representa o menor nível desde julho de 1980, influenciado pela queda nos itens de produção e encomendas, enquanto os de emprego, novos pedidos e estoques apresentaram crescimento.

O mercado automobilístico americano viu as vendas locais das maiores montadoras instaladas no país caírem mais de 40% em março deste ano. Ao todo, GM, Toyota, Ford, Chrysler, Honda e Nissan venderam 675.615 unidades no terceiro mês deste ano, uma queda de exatos 40,36% em relação ao mesmo mês de 2008. Em sérias dificuldades financeiras e próximas de pedir proteção contra credores, a General Motors manteve a liderança do mercado americano em março, com 155.334 unidades comercializadas, no entanto, também respondeu pela maior queda: 44,6%. Segunda colocada, a Toyota vendeu 132.802 veículos em março, uma queda de 39%. Na cola aparece a Ford, que comercializou 131.465 unidades, o que representa um recuo de 40,8% ante março de 2008. Na seqüência aparecem a Chrysler, com 100.001 veículos e queda de 39,3%; a Honda, que vendeu 88.379 mil unidades (-36,3%); e Nissan, com 66.634 automóveis (-37,68%). Apesar da forte queda, o presidente da Chrysler, Jim Press, demonstrou certo otimismo. Já entre as montadoras com menor presença nos Estados Unidos, a Volkswagen viu suas vendas caírem 19,7% em março, para 15.720 veículos. A Daimler registrou queda de 23%, para 17.348 unidades, enquanto que BMW registrou vendas de 21.125 unidades, uma queda de 22,9%. Por último, as vendas da Mercedes-Benz declinaram 25% em relação a março de 2008, para 15.602 veículos.

No tocante à atividade no país, o índice ISM da manufatura apresentou uma melhora de 0,5 pontos, para 36,3 em março. A discreta recuperação refletiu principalmente o aumento nos componentes de novos pedidos, que passou de

33,1 para 41,2, e de emprego e exportações, que chegaram a 28,1 e 39 pontos, respectivamente. No entanto, o item relativo à produção se manteve quase inalterado, enquanto que o sub-índice de estoques mostrou queda de 4,8 pontos, para 32,2. De forma geral, o indicador sugere que a atividade industrial ainda se encontra contraída, embora o ritmo de queda do indicador já comece a mostrar sinais de estabilização.

Ainda sobre a atividade, as encomendas à indústria apresentaram aumento de 1,8% em fevereiro, após a queda observada em janeiro ter sido revisada para 3,5%. Vale destacar que o item que mais cresceu no mês foi o de encomendas de bens de capital não defesa (excluindo aeronaves), registrando variação de 7,1%, o que vem como uma boa notícia dado que esse componente reflete os investimentos das empresas. Além disso, houve um aumento de demanda também por bens duráveis e não duráveis, que cresceram 3,5% e 0,3%, respectivamente. Em linha com o índice ISM também referente à indústria, que apresentou discreta melhora, temos sinais vindos do setor manufatureiro que também apontam para uma estabilização da atividade econômica dos Estados Unidos.

Da mesma forma, observam-se sinais de estabilização no mercado imobiliário: as vendas pendentes de casas surpreenderam o mercado apresentando elevação de 2,1% em fevereiro em relação ao mês anterior, ante a queda recorde de 7,7% em janeiro. O resultado, em linha com outros divulgados recentemente, sugerem que o mercado imobiliário provavelmente tenha atingido seus níveis mais baixos. Entretanto, ainda pressionado pelo elevado nível de estoques e pela baixa demanda, o índice de preços de imóveis S&P Case/Schiller apresentou queda em janeiro de 2,8% na margem e de 18,97% na base de comparação interanual, bem abaixo do esperado.

Em relação às condições do mercado de trabalho, o indicador de folha de pagamento da ADP mostrou que houve corte de 742 mil postos de trabalho no setor privado em março, sendo que a expectativa era de destruição de 663 mil

vagas, concentrado principalmente no setor de serviços. É o 14º mês consecutivo de retração do mercado de trabalho americano, totalizando 4,17 milhões de cortes desde janeiro de 2008. O problema todo é que além do corte de mais de 660 mil vagas em março, também houve redução de 1% nas horas trabalhadas, ou seja, além de haver menos gente trabalhando, também há menor produção entre quem está empregado. O desemprego subiu de 8,1% para 8,5% em março, a maior taxa dos últimos 25 anos. O problema é que o aumento do desemprego realimenta a crise, como num círculo: menos emprego significa menos renda e conseqüentemente, menos consumo. Com isso, as empresas recebem menos pedidos de encomendas e produzem menos. Se há expectativa de menos produção, a decisão do empresário é demitir. Os novos pedidos de seguro-desemprego nos Estados Unidos aumentaram em 12 mil na semana terminada em 28 de março em relação à anterior, para 669 mil. Na média das quatro últimas semanas até o dia 28 do mês passado, houve acréscimo de 6,5 mil requisições, alcançando 656,750 mil, no comparativo com a média antecedente, de 650,250 mil solicitações.

Para o sistema financeiro, o secretário do Tesouro americano, Timothy Geithner, deu entrevista na quarta-feira à Bloomberg afirmando que já vê os primeiros sinais de melhora no sistema financeiro, acreditando que o pior da crise de confiança nos bancos já ficou para trás. O maior perigo agora, segundo ele, é o próprio mercado financeiro não querer assumir riscos ou não apostar na recuperação. O plano elaborado por Geithner depende dos investidores que terão que precificar da melhor maneira possível os ativos podres que estão no balanço dos bancos, e, além disso, dos próprios bancos que precisam tornar público o tamanho do prejuízo que possuem. Se isso não acontecer, a crise de confiança voltar a crescer.

Ainda em relação ao sistema financeiro, na quarta-feira, a Financial Accounting Standards Board (Fasb), organização não-governamental que regulamenta as

normas contábeis norte-americanas, alterou as regras de marcação a mercado dos ativos bancários nos Estados Unidos. Em vez de ter de lançar os ativos por sua cotação a mercado, os bancos agora estão autorizados a usar um "valor justo". Na linguagem do departamento contábil, "valor justo" quer dizer que os critérios próprios dos bancos são aceitáveis pelo universo contábil para precificar ativos. A decisão provocou um momento de euforia no mercado financeiro, com as ações de bancos chegando a subir mais de 20% quando os investidores tomaram conhecimento da notícia e calcularam seus desdobramentos. A discussão da marcação começou no início desta década nos Estados Unidos, na época do estouro da bolha das ações de empresas de Internet e resume-se a uma questão simples: quanto vale um ativo que tenho em minha carteira? Um ativo pode ser precificado por seu custo de aquisição, por seu custo de substituição, pelo valor do fluxo de caixa futuro deflacionado por uma determinada taxa de desconto. No entanto, a resposta mais segura para o investidor é: um ativo vale o quanto um comprador pagar por ele agora. Ao dispensar os bancos da obrigação de transferir essas incertezas mutáveis para os balanços, as autoridades contábeis norte-americanas concedem um voto de confiança aos bancos. O raciocínio é que ninguém conhece melhor um devedor do que o seu credor, e esse conhecimento aplicado ao longo do tempo permitirá aos bancos maximizar o valor a receber, reduzindo ao mesmo tempo a turbulência no mercado e a incerteza sobre o sistema financeiro.

Também sobre o sistema financeiro, a unidade regional de Nova York do Federal Reserve, informou na quinta-feira que não recebeu nenhuma proposta no leilão de liquidez realizado que tinha como objetivo colocar US\$ 25 bilhões no mercado. Foi a primeira vez que isso ocorreu desde a criação da linha, chamada de Term Security Lending Facility, em março do ano passado. Este instrumento é uma operação compromissada com prazo de 28 dias, que aceita como garantia inclusive os títulos tóxicos carregados pelos bancos. O fato de não haver

demanda pelos recursos é um indicativo de que as instituições financeiras estão conseguindo liquidez no próprio mercado, um sinal de melhora da confiança no sistema.

No México, o Banco Central informou na quarta-feira que está pedindo ao FMI a ativação de uma linha de crédito de aproximadamente 47 bilhões de dólares para ajudar o país durante a crise econômica. O Banco Central do país acrescentou que não tem planos imediatos de uso da linha de crédito, mas as autoridades mexicanas podem acioná-la quando julgarem necessário.

Na Zona do Euro, os indicadores econômicos continuam fracos e o desemprego não pára de crescer. Com isso, a confiança do consumidor apresentou ligeira queda em março, passando de -33 pontos em fevereiro para -34 pontos, assim como era esperado. A confiança econômica registrou 64,6 após atingir 65,3, ficando abaixo das expectativas do mercado de 65,3. O clima para a indústria, por sua vez, caiu de -36 no mês anterior para -38, surpreendendo as expectativas de -36, assim como para serviços, que apresentou -25 após registrar -24, quase em linha com o esperado de -24. O clima para negócios atingiu -3,58, depois de apresentar -3,40 no mês anterior, surpreendendo as expectativas de -3,48.

O PMI de manufaturados apresentou resultado praticamente estável em março, com 33,9 pontos, ante 33,5 no mês anterior. Para a Alemanha, maior economia da região, o resultado subiu para 32,4 pontos. Entretanto, mesmo com a estabilidade no mês passado, o resultado é ainda bastante fraco e continua mostrando pessimismo por parte dos empresários e investidores, em especial por conta de uma atividade internacional bastante enfraquecida e considerável incerteza em relação ao futuro. Ainda assim, as medidas tomadas pelos governos, como redução da taxa de juros e planos de ajuda à economia parecem estar contribuindo para que as expectativas não apresentem uma deterioração adicional.

A exemplo do contínuo enfraquecimento da atividade, a taxa de desemprego subiu na região do Euro, passando de 8,2% para 8,5% em fevereiro, superando inclusive as expectativas (8,3%). O patamar atingido é o maior em cerca de três anos, causado principalmente pela diminuição de crédito, investimento, confiança e demanda nos últimos meses. Para a atividade, o cenário também não é muito positivo, com expectativa de 3,9% de queda no PIB desse ano.

Na Espanha, o Banco da Espanha espera uma queda de 3% para o PIB em 2009 e uma taxa de desemprego de 17%. Para o próximo ano, a previsão é de uma contração de 1% na economia espanhola e nível de desemprego de 19%. Um documento da autoridade monetária divulgado na sexta-feira considera que a economia da Espanha sofrerá este ano uma recessão profunda e contempla início do crescimento na atividade somente na segunda metade de 2010. O ministro das Finanças da Espanha, Pedro Solbes, admitiu que a economia espanhola não atingiu ainda o fundo do poço e considerou que as estimativas do Banco da Espanha, são um indicativo para onde a situação pode ir.

A taxa de desemprego na Alemanha acelerou para 8,1% em março, com ajuste sazonal, depois de registrar 8,0% em fevereiro, ficando aquém das projeções dos analistas de 8,0%. O número de corte de vagas foi de 69 mil no período.

A Alemanha ainda divulgou o resultado das vendas no varejo em fevereiro, que, surpreendendo as expectativas que esperavam um resultado ligeiramente positivo, recuou 0,2% na comparação com janeiro, já na série com ajuste sazonal. Em relação ao mesmo período do ano passado, a queda foi ainda mais evidente: 5,3%. Com o aumento do desemprego, a redução na produção industrial, e o consumo ainda enfraquecido, fica difícil esperarmos uma redução no curto prazo para a taxa de desemprego do país.

Ainda na Europa, o Reino Unido registrou melhora em seu PMI de manufaturas de março, subindo de 34,7 pontos para 39,1. Mesmo com a melhora, que também pode ter sido afetada pelo anúncio de diversos novos pacotes de estímulo e

seguidos cortes nas taxas de juros, o indicador permanece abaixo do valor neutro de 50 pontos, indicando assim contração da produção industrial.

O PMI de serviços da Zona do Euro apresentou elevação para 40,9 pontos em março, após atingir o menor nível da série (39,2 pontos) no mês anterior. Para a Alemanha, movimento semelhante ocorreu: o PMI de serviços saiu de sua pontuação mais baixa (41,3) para 42,3 pontos. No entanto, mesmo com a melhora na margem, o resultado continua abaixo dos 50 pontos neutros, indicando contração na atividade para os próximos meses. O PMI composto também registrou alta, de 36,2 para 38,3 pontos, o que pode ser explicado como uma recuperação na confiança empresarial após diversos anúncios de novas medidas de estímulo à economia nos últimos meses.

A Alemanha ainda divulgou os preços de importação referentes a fevereiro, que novamente registraram queda, tanto na margem (-0,1%), quanto na comparação com fevereiro do ano passado (-6,4%). Com isso, a queda interanual é a maior em dez anos, e foi puxada principalmente pela redução nos preços de energia.

O Reino Unido também registrou melhora em seu PMI de serviços, que subiu para 45,5 pontos em março. Apesar da melhora, como no caso da Zona do Euro, o resultado continua indicando contração para os próximos meses.

De acordo com a estimativa do índice de preços ao consumidor (CPI), a inflação na Zona do Euro contraiu pela metade no mês de março em relação ao mesmo período do ano passado. O indicador desacelerou para 0,6% no mês contra 1,2% registrado em fevereiro, na comparação interanual, ficando próximo das expectativas de 0,7%. Essa desaceleração do nível de preços deve-se, basicamente, à queda nos preços do petróleo e também à forte contração da demanda.

No Reino Unido, a confiança do consumidor apresentou uma recuperação em março, ao cair de -35 pontos em fevereiro para -30 pontos, sendo que eram esperados -35 pontos, segundo a Pesquisa GFK. Esta é a maior elevação do indicador desde o corte recorde na taxa básica de juros pelo Bank of England

(BoE), o que sugere que a medida surtiu efeito na confiança dos britânicos. A confiança econômica para os próximos 12 meses também apresentou melhora, passando de -40 pontos para -31 pontos no período.

O setor de serviços do Reino Unido mostrou avanços em março e os preços das casas da região tiveram queda mais amena, dando sinais de que a velocidade da retração da economia britânica pode estar arrefecendo. Segundo uma pesquisa do Instituto Chartered de Compra e Fornecimento (Cips, na sigla em inglês), o índice que mede o nível de atividade no setor de serviços britânico subiu de 43,2 pontos em fevereiro, para 45,5 pontos em março. Mesmo assim, o resultado ainda mostra uma situação ruim para o setor, com o nível abaixo dos 50 pontos pelo 11º mês seguido, o que indica contração. Para os preços das casas, segundo a empresa de hipotecas Halifax, os preços das casas na região caíram 1,9% em março, na comparação com o mesmo período do ano passado. O resultado levou a taxa dos últimos três meses (em bases anuais) para um declínio de 17,5%, valor melhor do que os 17,7% de queda registrados nos três meses até fevereiro.

O Banco Central Europeu (BCE) anunciou na quinta-feira novo corte de juros, de 0,25%, chegando a 1,25% ao ano, contrariando expectativas do mercado que esperava um corte maior, de 0,5%. Desde outubro, o afrouxamento monetário implementado na região já acumula 3%, sendo que este é o menor nível da taxa de juros em 10 anos de existência do BCE. No pronunciamento, o presidente do Banco Jean-Claude Trichet sugeriu que não gostaria de esgotar totalmente o corte dos juros como instrumento de política monetária antes de anunciar outras medidas de expansão monetária, que serão conhecidas já em maio. Assim, Trichet afirmou que 1,25% não é piso para os juros da Zona do Euro, sinalizando que um novo corte na taxa de juros pode ocorrer na próxima reunião. O BCE vai decidir se toma novas medidas heterodoxas de política monetária na reunião do mês que vem. Desde outubro, o BCE tem provido os bancos de liquidez ilimitada

a taxas prefixadas de juros, numa tentativa de melhorar o fluxo de recursos pela economia da Zona do Euro.

No Japão, a produção industrial recuou pelo quinto mês consecutivo em fevereiro, apresentando uma das maiores quedas desde 2001 com a expressiva diminuição das exportações. A produção industrial registrou queda de 9,4% em fevereiro ante janeiro, após recuar 10,2% no mês anterior, surpreendendo as expectativas do mercado de -9,1%. Na comparação interanual houve recorde de queda, de 38,4%, ante um declínio de 31,0% registrado anteriormente, ao passo que era esperada uma contração de 38,1%. Cabe ainda lembrar que as vendas externas caíram 49,4% em fevereiro em relação ao mesmo período do ano passado, com a forte deterioração da demanda mundial.

Reflexo disso, o indicador de confiança da indústria no Japão caiu para 58 pontos negativos em março, evidenciando as perspectivas pessimistas dos empresários do país sobre o futuro da economia japonesa. A pesquisa Tankan, divulgada na quarta-feira pelo Banco Central do Japão (BoJ), mostrou que o sentimento do setor manufatureiro do país atingiu neste mês o menor nível desde 1974, quando as primeiras apurações foram feitas e haviam marcado 57 pontos negativos. De acordo com o levantamento, a maioria dos empresários disse que esperam uma queda de 62% nos lucros antes de impostos no ano fiscal de 2008. Eles prevêem também um recuo de 19,7% nos resultados para o ano fiscal corrente. Diante do ambiente econômico restritivo, as grandes indústrias reviram ainda seus gastos com bens de capital e devem reduzir seus investimentos em 6,6% no ano até março de 2010.

Com isso, a taxa de desemprego no Japão acelerou para 4,4% em fevereiro, em termos dessazonalizados, após registrar 4,1% em janeiro, surpreendendo o mercado, que esperava 4,3%. O enfraquecimento do mercado de trabalho é reflexo da forte contração da produção, decorrente da queda das exportações, que atingiram seu menor nível no período. Além disso, a queda na produção

industrial japonesa foi uma das maiores em termos de magnitude, chegando no último mês a uma queda de quase 40% interanual.

Cada vez mais preocupado com a situação do país, o governo do Japão está buscando alternativas práticas para proteger a população e tentar manter consumo e atividade aquecidos. Como nova medida, o governo começou na quarta-feira a oferecer dinheiro para imigrantes brasileiros e peruanos desempregados deixarem o país. Cada imigrante receberá cerca de US\$ 3 mil e seus dependentes receberão US\$ 2 mil cada. No entanto, um dos requisitos é que o imigrante não volte mais ao Japão por um período que ainda não foi determinado. Para receber o dinheiro, o candidato não pode também ter patrimônio no Japão e precisa ter entrado no país antes do dia 31 de março deste ano. Com o agravamento da crise econômica, muitos dos chamados de kasseguis, que tinham contratos temporários, perderam o emprego e começaram a passar necessidade no país. A maioria destes trabalhadores estava empregada nos setores automotivo e de eletrônicos, os mais afetados pela recessão. Nos últimos meses, segundo divulgou o governo, o número de estrangeiros em busca de vagas nas agências públicas de emprego cresceu onze vezes em comparação com um ano atrás. O novo programa só contemplará brasileiros e peruanos, as duas maiores colônias de de kasseguis no país, descendentes de japoneses, que possuem o visto de trabalho. Outros estrangeiros ficaram de fora da medida.

Na China, o PMI de manufaturados recuou em março, passando de 45,1 pontos para 44,8. A queda no PMI mostra novamente uma tendência de contração para a produção industrial chinesa, que havia apresentando resultados bons em fevereiro (11% de crescimento na comparação interanual). Com a confiança dos empresários ainda enfraquecida, assim como a demanda internacional e as exportações (forte queda de 25,7% das exportações em fevereiro, em relação ao mesmo mês do ano passado) não podemos esperar uma retomada da produção industrial no curto prazo.

Na Coreia do Sul, as exportações sofreram queda de 21,2% em março, frente ao mesmo período do ano passado, atingindo do montante de US\$ 28,4 bilhões. Segundo os dados divulgados na quarta-feira pelo governo do país, este é o quinto mês seguido em que se verifica queda das vendas externas sul-coreanas. Em fevereiro, a retração das exportações já tinha sido grande, de 18,3%, situação que tem provocado graves efeitos sobre a economia Coreia do Sul, que tem 60% do PIB resultante das vendas externas. As exportações para o Japão são as que mais têm sofrido, tendo registrado queda de 29,8% em março. Para a União Européia, a queda foi de 16,9%, enquanto para a China, de 17,2%. As importações também mostraram resultados negativos em março, recuando 36%, para US\$ 23,8 bilhões. O superávit da balança comercial do país ficou em US\$ 4,6 bilhões no período.

Na Rússia, analistas ouvidos pela BBC Brasil afirmaram que o país terá que diversificar sua economia, hoje altamente dependente dos recursos energéticos, para voltar a crescer na próxima década. O país é o que mais sofre com os efeitos da crise financeira internacional entre os países do grupo BRIC. Para O'Neill, a alta dependência do país por petróleo e gás tornou a Rússia o mais vulnerável entre os quatro integrantes do BRIC às turbulências externas. Dona da maior reserva de gás natural do mundo e da segunda maior de petróleo, a Rússia tem 60% de suas exportações sustentadas pelo setor energético. O país também é grande produtor de outras matérias primas, como metais e madeira, tendo se beneficiado, como o Brasil, da alta no preço das commodities nos últimos anos. Um dos maiores efeitos da crise global foi a redução da demanda pelas commodities, levando os preços de vários produtos a despencar no mercado internacional: o barril de petróleo, por exemplo, que chegou a custar US\$ 140 em julho de 2008, no final de março estava sendo cotado a menos de US\$ 53. Segundo especialistas, um dos primeiros passos para o Kremlin diversificar a economia será aumentar seu leque de investimentos dentro do setor energético,

baseado principalmente na extração de petróleo e gás. Para poder competir com outros países e se destacar no cenário econômico internacional, a Rússia ainda precisará canalizar recursos para outras áreas, como inovação tecnológica, informação e tecnologia aeroespacial. Um ranking de competitividade industrial elaborado pela Agência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido, na sigla em inglês), colocou a Rússia em 66º lugar em uma lista de cem países. O país ocupou a pior colocação entre os BRIC, ficando bem atrás de China (26º), Brasil (39º) e Índia (40º). A crise financeira internacional expôs as vulnerabilidades da economia russa à turbulências externas, e um dos efeitos mais perversos tem sido o desemprego, que no mês passado chegou a 8% da população ativa, atingindo seis milhões de trabalhadores. A produção industrial caiu 20% nos últimos seis meses e o rublo, a moeda local, se desvalorizou pela metade, aumentando a inflação, que segundo números oficiais chega a 13,9%. Para 2009, projeções do Banco Mundial indicam que a economia russa vai encolher 3% e, para 2010, o crescimento deverá ser de 0%. Mais otimista, o governo russo aposta em uma contração de 2,2% para este ano.

Segundo a agência de classificação de riscos Fitch Ratings, as economias emergentes da Europa sofrerão uma recessão abrupta e severa, com queda de 3,1% no PIB em 2009. Este grupo de nações, que na classificação da Fitch engloba os países do Leste Europeu e ex-repúblicas soviéticas, sofrerá, desta maneira, a maior crise econômica já vivenciada desde o fim da URSS. O estudo mostra que os países mais vulneráveis são a Hungria e o Cazaquistão, enquanto o que tem menor exposição ao declínio do comércio mundial é a Polônia. A Fitch Ratings afirmou ainda que estes países poderão começar a experimentar uma leve retomada somente em 2010. Desde agosto do ano passado, a Fitch já diminuiu a classificação de dez países da região da ex-União Soviética.

## **Cenário Interno**

A posição otimista que o Governo aqui no Brasil tem tomado em relação aos impactos da crise mundial no país, mais uma semana não se confirmaram nos números apurados: no primeiro bimestre as receitas públicas caíram 3%, as despesas subiram 19,6% e os gastos com pessoal aumentaram 24%, configurando o primeiro déficit primário num mês de fevereiro em 12 anos. Com a crise, a arrecadação está caindo, e ao mesmo tempo foram feitos compromissos que aumentam as despesas, como no caso dos reajustes dos servidores públicos.

Para piorar, a produção industrial caiu 17% em fevereiro na comparação com o mesmo mês de 2008, pior queda desde 1998, voltando a produzir ao ritmo de 2004. Pela primeira vez desde setembro de 2002, o indicador do acumulado em 12 meses ficou negativo: -1%. Depois de alta de 2,1% em janeiro, a alta de 1,8% de fevereiro mostra que a indústria está se recuperando a passos muito lentos, longe de recuperar a queda de mais de 20% no quarto trimestre de 2008 (em outubro, -1,4%; em novembro; -7,1%; em dezembro, -12,7%).

A resposta do governo à crise continua tendo os mesmos defeitos: alguns setores são beneficiados, e não toda a economia, e os incentivos são dados sem qualquer contrapartida. Os automóveis, produto para classe média e ricos, têm renúncia fiscal e os trabalhadores das montadoras terão garantia do emprego em contrapartida; já os do setor sucroalcooleiro não têm nem a garantia das leis trabalhistas. As medidas deveriam ser mais gerais, beneficiando todos os contribuintes e trabalhadores, e não o Governo escolher setores que vão ser beneficiados.

Como já mencionamos, a redução do IPI dos carros beneficia quem compra carro zero, que é a classe média, os ricos. Ora, os trabalhadores que não podem ser demitidos a partir desse acordo são os que trabalham nas montadoras, o resto

dos trabalhadores brasileiros está sob o risco do desemprego. Seria muito mais eficiente e justo abrir mão da arrecadação, por exemplo, reduzindo os pesados impostos que incidem hoje sobre a folha salarial. Isso reduziria o risco de o desemprego subir e aliviaria todas as empresas formais.

A queda de impostos para o setor de construção civil e material de construção tem chance de beneficiar um grupo maior de brasileiros, até porque vem depois de um plano habitacional dirigido aos mais pobres.

Em relação ao cigarro, o Governo acertou em aumentar sua taxação para equilibrar as isenções fiscais dadas a outros setores, mas a indústria diz que a medida pode incentivar o mercado clandestino e o de contrabando no Brasil. O imposto do cigarro tem de ser alto mesmo, mas o governo também tem de combater o mercado clandestino. Do contrário, a medida fica sem efeito.

Em meio a esse cenário de crise se intensificando e com algumas medidas do Governo sendo colocadas em xeque, a pesquisa CNT/Sensus, em linha com outras pesquisas de popularidade realizadas recentemente, mostrou um declínio na avaliação do governo e na avaliação pessoal do presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. A avaliação positiva do governo passou de 72,5% para 62,4% entre janeiro e março, mas ainda permanece em patamar bastante elevado, superior ao obtido em março do ano passado, por exemplo. A avaliação pessoal do presidente também registrou queda, os que aprovam o desempenho de Lula passaram de 84% para 76,2% no mesmo período de comparação. Assim como apontado em outras pesquisas, a deterioração no cenário econômico, tanto internacional quanto doméstico, parece ter contribuído de forma importante para esse resultado: para 54,4% dos entrevistados houve piora na situação do emprego, sendo que para 32,6% houve redução na renda pessoal. No entanto, a confiança em relação ao futuro permaneceu praticamente inalterada: 46,3% acreditam que o País sairá fortalecido da crise, mostrando que parte da população continua

confiante que as medidas tomadas pelo governo serão suficientes para impedir a disseminação dos efeitos adversos da crise internacional.

No tocante aos agentes, a FIESP divulgou uma pesquisa feita com diversas indústrias, mostrando como a forte desaceleração da atividade global e o arrefecimento da economia doméstica estão afetando seus planos de investimentos. Entre os entrevistados, o número de empresas que não pretende investir em 2009 subiu de 11% para 25%, sendo que as empresas de médio porte foram as mais afetadas: um recuo de 23,9% nos planos de investimentos em relação ao investido no ano passado. A maior restrição de crédito a essas empresas é apontada como o principal motivo do recuo nos planos.

Outra pesquisa com empresários, a Pesquisa Serasa Experian de Expectativa Empresarial, mostrou resultado semelhante: com o aumento das incertezas da economia mundial, 33% dos empresários disseram que pretendem reduzir os investimentos no segundo trimestre. O pessimismo é maior na indústria, em que 36% dos empresários prevêem queda nos investimentos.

Com essas pesquisas apontando para uma redução considerável nos planos de expansão, combinadas com a confiança dos empresários e dos consumidores ainda em patamares baixos, espera-se que os investimentos se mantenham contraídos ao longo deste ano, impactando negativamente o resultado do PIB em 2009.

O Índice Nacional de Expectativas do Consumidor (INEC), divulgado na quinta-feira pela CNI, referente ao primeiro trimestre de 2009, ficou em 106,3 pontos, valor abaixo do observado no mesmo período de 2008, de 111,5 pontos. Em relação ao trimestre anterior, na série com ajuste sazonal, o índice recuou 2,6 pontos, pior patamar desde o terceiro trimestre de 2005. Este indicador está em linha com os demais índices de confiança dos consumidores divulgados para o mesmo período, confirmando que o consumidor brasileiro está em um processo de ajuste de suas expectativas diante do agravamento da crise da economia mundial.

Já a Sondagem à Indústria de março apresentou recuperação de 2,2% na confiança do empresário em comparação com o mês anterior, já na série com ajuste sazonal. Vale lembrar que esse resultado deve ser visto com ressalvas já que em base interanual a queda continua grande, 32,4%. Entre os componentes do índice de confiança, tanto a avaliação da situação atual, quanto as expectativas melhoraram: a primeira subiu 2,2% na margem e a segunda 2,3%. Novamente, em relação a março do ano passado, as quedas continuam bastante expressivas: -33,6% na avaliação da situação atual e -31% no índice de expectativas. Mesmo com a demanda internacional bastante enfraquecida, os entrevistados avaliaram uma melhora da demanda por produtos industriais em relação ao mês anterior: os que avaliam a demanda como forte subiram de 4% para 11,9%. As expectativas de produção também melhoraram para os próximos meses: 27,7% das empresas esperam aumento da produção no próximo trimestre.

O pessimismo que a crise global espalha por praticamente todo o mundo, parece ainda não ter contaminado a maioria dos microempresários brasileiros. Sondagem feita pelo Sebrae apontou que apesar de atingidos pelo forte recuo na atividade e nos lucros ao fim de 2008, cerca de 79% dos dirigentes de pequenos negócios apostam em "bons ou muito bons" resultados em 2009. Questionado se os microempresários não estariam muito à margem da realidade, quando grandes empresários e consumidores apontam em pesquisas que estão vendo um agravamento da situação, o presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae, senador Adelmir Santana (DEM-DF), disse que esse tipo de empreendedor é otimista por profissão. O fato é que os resultados divulgados por Santana sobre a primeira sondagem do Sebrae sobre o ponto de vista dos pequenos negócios sobre a crise, levantamento que promete ser regular e trimestral daqui para frente, mostram os pequenos, aparentemente, na contramão das expectativas de boa parte do empresariado e autoridades mundo afora. A maioria dos

entrevistados teve redução nas vendas (70%) e nos lucros (69%), além de perda de clientela (55%) desde setembro de 2008, quando a crise se intensificou, mas menos de um terço (30%) respondeu à crise com demissões. Já para 2009, 62% entre os que responderam ao Sebrae esperam vender e faturar mais, enquanto 56% querem manter o quadro atual de funcionários e 68% apostam que a clientela será elevada. Para que tal otimismo se concretize, os pequenos empresários (23,2%) disseram que, a despeito da escassez de crédito, a saída para 2009 seria elevar os investimentos com a ampliação dos negócios, ações promocionais e investidas em novos mercados.

Em relação ao mercado de trabalho outra postura otimista: o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, disse na terça-feira que o mercado de trabalho brasileiro já passou dos impactos da crise global e a taxa de desemprego deve cair para cerca de 7,5% até o fim deste ano, ante os atuais 8,5%.

O Relatório Trimestral de Inflação, divulgado pelo Banco Central, mostra que a instituição está encarando a crise de maneira bem mais realista que o governo. Tem sido assim desde o início, mas o documento comprova que, mesmo com otimismo em alguns pontos, o BACEN está mais centrado. Por exemplo: no que diz respeito ao emprego, o Banco Central prevê que ele vai continuar ao longo dos meses, mesmo que haja recuperação, na margem, da produção industrial e que o varejo tenha dado sinais animadores até agora. O aumento do desemprego, segundo o BACEN, não seria sazonalidade, mas sim fruto da crise econômica. Sobre o crescimento do PIB, o Banco Central espera uma alta de 1,2%. É um crescimento maior que o previsto pela maioria dos economistas, mas menor que os 2% que o ministro da Fazenda vem anunciando, depois de admitir que a alta de 4% não seria mais possível. Mesmo alta, a previsão do BACEN é mais realista e mostra uma redução para o que ele previa em dezembro, que era um crescimento de 3,2% do PIB em 2009. O relatório também fala da inflação: para o Banco Central, o IPCA deve fechar o ano em torno dos 4%, abaixo até do

centro da meta, que é 4,5%. Ainda em relação à inflação, o BACEN sabe que a sua redução não é só fruto da queda da taxa de juros. A redução da inflação tem a ver, segundo o próprio Banco Central, com a elevação dos fatores de ociosidade de produção, que aconteceu fortemente no último trimestre do ano passado e continua neste início de ano. Isso abre mais caminho para o corte nos juros. Com a inflação cada vez menor e em tendência de queda, não há motivos para a taxa seguir elevada.

Saindo das expectativas e passando para a economia real, o índice de produção industrial (PIM) divulgado na quarta-feira pelo IBGE sofreu uma queda de 17,2% na comparação interanual, reforçando o alto grau de contágio da crise financeira mundial à produção industrial doméstica. Os canais de contágio foram a forte queda na demanda externa, a redução na oferta de crédito, juntamente com a queda na confiança do consumidor e do empresário. Na margem, a produção industrial cresceu 1,8% em fevereiro, evidenciando a lenta recuperação pela qual a indústria brasileira está passando. Na variação trimestral, a indústria caiu 15,66%, ficando claro que a crise que se agravou em meados de setembro do ano passado atingiu mais forte a economia brasileira no trimestre dez/fev. No acumulado de 12 meses, a produção caiu 0,98%, apoiando as tendências antes citadas, e acrescentando o fato de que as elevações na margem não são suficientes para anular as quedas fortes que se teve anteriormente. A isenção do IPI dada pelo governo federal impulsionou a produção industrial de veículos, que teve alta de 8,7% em relação a janeiro. A produção de bens de consumo duráveis, categoria a qual os automóveis fazem parte, cresceu 10,5% nessa mesma base de comparação. Já os bens de capital caíram 6,3% em relação a janeiro, e 24,4% em relação a fevereiro de 2008. Como essa categoria de uso tem um ciclo de produção longo, ou seja, são feitas encomendas e por meses são produzidos os produtos encomendados, somente agora as indústrias desta categoria sentiram os impactos da crise, já que diante de um cenário de incerteza, os empresários adiam seus pedidos.

Olhando mais de perto o setor automotivo, a venda de veículos do mês de março não deve ser entendida como a recuperação total da indústria automobilística. A opinião é do presidente da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), Sérgio Reze. Segundo ele, as 271.393 unidades vendidas no mês passado foram fruto da redução do IPI, das promoções de montadoras e concessionárias e do medo dos consumidores de perderem a chance de comprar o carro novo mais barato. Para Reze, o setor deve trabalhar com uma nova média de vendas, na faixa dos 214 mil veículos por mês. A média deste trimestre é melhor que a média do último trimestre de 2008, que ficou em cerca de 140 mil carros vendidos, porém, ela é bem menor que a média das vendas até setembro do ano passado, na casa das 270 mil unidades. Segundo Reze, a Fenabrave trabalha com dois cenários, um positivo, com aumento de 4% nas vendas, e outro negativo, com queda de 4%. Sobre a manutenção da redução do IPI por mais 90 dias, Sérgio Reze acha que a medida vai ajudar o setor automotivo a manter a produção aquecida e permitir que o governo possa ajudar outros setores, fazendo a economia girar. O problema é que não sabemos se isto realmente vai acontecer, uma vez que o Governo, até agora, só tem adotado medidas pontuais, beneficiando setores com forte lobby, sem adotar medidas que favoreçam o setor produtivo como um todo.

Segundo a consultoria Economatica, depois de ganhos recordes em 2007, as empresas brasileiras viram seus lucros cair de forma acentuada durante o ano passado. A crise financeira internacional derrubou o ganho de 324 empresas de capital aberto em 40,6%, para R\$ 39,076 bilhões em 2008. A constatação exclui da conta os resultados da Petrobras e da Vale: incluindo as duas empresas, a queda anual de lucro é reduzida para apenas 1,9%, com o ganho geral passando a R\$ 126,33 bilhões em 2008. Dos 21 setores analisados pela consultoria, nove apresentaram crescimento nos lucros, sete viram os ganhos cair e cinco transformaram ganhos em prejuízo. Destaque para o segmento de minerais não

metálicos, que viu seus ganhos aumentar 282%, e para o segmento têxtil, que reverteu perdas de R\$ 496 milhões em 2007, para lucro de R\$ 49 milhões em 2008. Bom desempenho também para o grupo petróleo e gás, que registrou avanço de 89% nos lucros. No lado oposto, o setor de papel e celulose amargou forte contração, fechando o ano com perda de R\$ 6,37 bilhões, depois de apontar ganho de R\$ 3,03 bilhões em 2007. Os segmentos de transportes, mineração, químico e de alimentos também fecharam 2008 no vermelho. Nem os bancos escaparam da crise, registrando queda de 2,8% no lucro de 2008, que somou R\$ 29,25 bilhões.

Segundo a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), a inadimplência líquida do consumidor, saldo entre números de novos carnês inadimplentes e carnês com prestações atrasadas renegociadas, subiu para 9,2% em março em relação aos três meses anteriores. Esse resultado é o maior desde 2001 para o mês. Para a Associação, o aumento das restrições de crédito teria contribuído para a diminuição das negociações das dívidas e para o pagamento dos novos carnês. Os resultados divulgados também mostram uma diminuição nas vendas a prazo, que registraram queda de 5,1% na comparação interanual, consequência direta do aumento da incerteza por parte dos consumidores e do aumento do desemprego. Por fim, a ACSP ainda afirmou que se o ritmo de vendas e inadimplência for o mesmo do primeiro trimestre, ao longo do ano, as vendas no varejo deverão voltar a um patamar semelhante ao de 2007.

Preocupado com os resultados negativos para o nível da atividade da economia e com o aumento do desemprego, o Governo continua lançando mão de medidas para o combate dos efeitos perversos da crise. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, declarou na segunda-feira que nessa semana entraria em vigor uma nova sistemática para leilões de linhas de crédito e empréstimos externos com recursos das reservas internacionais. A medida, que teria um desembolso mais rápido, tem como objetivo ampliar e flexibilizar a concessão de

financiamentos, inclusive para empresas com dívidas no exterior, mas que não são exportadoras. A demanda pela linha inicial de concessão de crédito ficou bem abaixo das expectativas iniciais do BACEN, chegando a cerca de R\$2,5 bilhões. Meirelles aproveitou para ressaltar novamente que todas as medidas tomadas desde o agravamento da crise, em meados de setembro, pretendem normalizar a liquidez no País.

O governo também anunciou na segunda-feira diversas medidas de estímulo ao setor automobilístico e de construção civil, duas cadeias produtivas de grande importância e altamente dependentes de crédito: a decisão de prorrogar a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre automóveis e caminhões valerá por mais três meses, até 31 de junho; a alíquota de Cofins incidente sobre as motocicletas, também diminuiu, de 3% para zero, pelo mesmo prazo, haja visto o recuo das vendas de motos no primeiro trimestre do ano; quanto ao setor de construção civil, houve redução na alíquota dos principais produtos do setor como cimento, argamassa e tinta. Para compensar as desonerações, o governo aumentou a alíquota de PIS, Cofins e IPI sobre os cigarros, como já havíamos comentado. Em relação ao impacto destas medidas para a inflação, o efeito líquido da queda na tributação dos materiais de construção e do setor automobilístico juntamente com a elevação da carga tributária sobre cigarros deverá ser neutra no que diz respeito aos índices de inflação ao consumidor.

Foi publicada na edição de quinta-feira do Diário Oficial da União a medida do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) que amplia para 30% o limite da aposentadoria a ser destinado a pagamentos de empréstimos. A Instrução Normativa nº 37, altera a legislação anterior e prevê essa margem de financiamento para beneficiários que não contrataram cartão de crédito. O texto segue as orientações da Resolução nº 1.305, do Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS), publicada no Diário Oficial da União de ontem. Para os que

possuem cartão de crédito ainda valerá a norma antiga, nesse caso, até 10% dos valores recebidos na aposentadoria podem ser destinados ao pagamento do cartão de crédito (mesmo que não seja usado integralmente) e 20% podem ser usados para o pagamento de empréstimos. Os juros máximos do empréstimo permanecem em 2,5% ao mês, e, para o cartão de crédito, em 3,5%.

A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN) informou na quinta-feira que já perdoou R\$ 3 bilhões em dívidas de contribuintes que estavam inscritos em Dívida Ativa da União. Esses débitos eram de até R\$ 10.000,00 e venceram até 31 de dezembro de 2002. A medida beneficiou 1.156.585 contribuintes, sendo 800.575 empresas e 356.010 pessoas físicas. O perdão estava previsto na medida provisória (MP) 449, publicada no final do ano passado. Segundo o procurador-geral da Fazenda Nacional, Luís Inácio Adams, com o perdão, esses contribuintes já podem obter certidões negativas de débito. No entanto, pessoas físicas e jurídicas cujas dívidas ainda estão na esfera administrativa - não inscritas em Dívida Ativa - terão que esperar um pouco mais. A Receita Federal está fazendo o balanço e a remissão desses débitos só será totalmente concluída em junho. Pelo balanço da PGFN, foram extintos 322.818 processos judiciais. Outros 1.586 foram alterados. Os contribuintes perdoados respondiam por 1.895.279 inscrições na Dívida Ativa (uma mesma pessoa ou empresa poderia ter mais de uma inscrição). A Dívida Ativa chega hoje a mais de R\$ 650 bilhões e tem cerca de 2 milhões de devedores (já excluídos os beneficiados pela remissão). A MP 449 ainda tramita no Congresso, mas já passou por diversas modificações. O prazo para o parcelamento de dívidas, por exemplo, foi elevado de 60 meses para 180 meses. Os parlamentares também já aprovaram na Câmara dos Deputados que a correção das dívidas seja feita pela Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP) e não pela Selic, como previa o governo. A TJLP está em 6,25% ao ano, enquanto a Selic é de 11,25% ao ano.

Voltando para os indicadores econômicos, segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 27 de março, as expectativas para o IPCA de 2009 apresentaram nova queda, passando de 4,42% para 4,32%, se mantendo em 4,50% para 2010. Para a taxa de câmbio de final de período de 2009 houve estabilidade, de R\$/US\$ 2,30, assim como para 2010, que se manteve em R\$/US\$ 2,30. Já a meta da taxa Selic ficou estável em 9,25% em 2009 e, para 2010, caiu de 9,75% para 9,50%.

O IGP-M voltou a apresentar forte queda em março, chegando a -0,74%. A aceleração da deflação no índice é devido a um recuo maior preços dos produtos industriais, que vinham apresentando sinais de diminuição no ritmo de queda, o que foi revertido nessa última divulgação. O IPA industrial registrou -0,72%, com destaque para a contração em metalurgia básica. Já o IPA agrícola continuou em expressiva queda, -2,97%, com destaque para a deflação em milho, soja, feijão e carnes. Já o IPC, com aceleração de alimentação e vestuário, subiu 0,43%. O INCC registrou queda, -0,17%, movimento causado principalmente pela retração nos preços de materiais e serviços.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou na quarta-feira o IPC-S referente ao mês de março, que apresentou 0,61% de alta em relação à semana anterior. Para esse resultado, dois movimentos foram fundamentais: a contínua aceleração de alimentação, que subiu para 1,25% influenciado principalmente pelos produtos in natura; e a saída da deflação em que se mantinha desde meados de janeiro do grupo vestuário, que avançou 0,26%. Destaque para a aceleração de despesas diversas (0,60%) e a desaceleração de transportes (0,13%), com a saída dos reajustes do índice. O maior peso atribuído aos in natura pelo IPC-S o levou a registrar uma taxa de variação bem acima do IPCA em março (0,18%).

O IPC-FIPE referente ao fechamento do mês de março registrou avanço de 0,40%, em rápida aceleração em relação à semana anterior quando teve alta de 0,29%. Para esse movimento contribuíram de forma importante os grupos vestuário, despesas pessoais e alimentação. O primeiro, que registrava deflação

desde o início do ano, passou para o lado positivo, com alta de 0,56%. Despesas pessoais, após um período de baixas variações voltou a acelerar, subindo para 0,80%. Por fim, o grupo alimentação ainda sofre pressão dos produtos in natura e avançou para 0,70%.

A FGV informou que o Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1 (IPC-C1), que representa a inflação para os mais pobres, subiu 0,51% em março, superando a taxa verificada um mês antes, de 0,16%. O grupo Alimentação contribuiu para esta aceleração, ao deixar para trás uma baixa de 0,01% em fevereiro e marcar acréscimo de 0,87% na apuração mais recente. O IPC-C1 é calculado com base nas despesas de consumo das famílias com renda de um a 2,5 salários mínimos mensais e nos últimos 12 meses, acumula elevação de 6,52%. A FGV explicou que o avanço em Alimentação foi associado ao movimento dos itens Hortaliças e Legumes (0,62% para 3,82%), Frutas (-2,28% para 4,06%), Laticínios (0,47% para 1,09%) e Aves e Ovos (-0,33% para 1,86%). A entidade ponderou que a variação média do grupo não foi maior por causa da queda de produtos de peso no orçamento das famílias, como Arroz e Feijão (-2,87% para -3,63%) e Panificados e Biscoitos (0,38% para -0,67%). Entre fevereiro e março, subiram mais Habitação, que foi de 0,07% para 0,23%, Educação, leitura e recreação, que saíram de 0,48% para 0,76%, e Despesas Diversas, que partiram de 0,16% para 0,72%. Vestuário, que tinha cedido 0,64% no segundo mês de 2009, manteve-se no terreno negativo, com queda menos marcada, de 0,18%. A pesquisa mostrou ainda um abrandamento no ritmo de aumento em Saúde e cuidados pessoais, que abandonaram acréscimo de 0,97% em fevereiro e verificaram expansão de 0,76% em março, e em Transportes, que anotaram incremento de 0,04% depois do 0,68% apurado no segundo mês deste ano.

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 1,771 bilhão no fechamento do mês de março, resultado de exportações somando US\$ 11,809 bilhões e importações em US\$ 10,038 bilhões. Pelo critério da média diária, tanto

as importações quanto as exportações caíram em relação ao registrado no mesmo mês de 2008, resultado já esperado dada a deterioração no cenário econômico internacional e, em menor escala, doméstico. Isso significa menos comércio do Brasil com outros países, menos investimento, menos importação para produção, menos venda daqui para fora. Os destaques para as exportações ficaram por conta das vendas de minério de ferro, algodão e soja em bruto. As maiores quedas ficaram entre as vendas de automóveis, autopeças, calçados e laminados planos. Pelo lado das importações, o destaque é a forte queda nas compras de combustíveis e lubrificantes e o ligeiro aumento nos desembarques de bens de capital. O saldo acumulado no ano, US\$ 3,012 bilhões, com média diária de US\$ 49,4 milhões, representa um crescimento de 9,1% em relação ao acumulado no primeiro trimestre do ano passado.

Segundo previsão feita nesta segunda-feira pelo Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, as exportações brasileiras deverão cair quase 20 por cento neste ano sobre 2008. A estimativa para este ano é de exportações de 160 bilhões de dólares, ante 197,7 bilhões de dólares no ano passado.

O resultado do Governo Central de fevereiro revelou um déficit primário de R\$ 926 milhões em fevereiro, a primeira queda para o mês desde o início da série histórica, em 1997. Os dados revelaram uma queda de 3,05% nas receitas no bimestre, ante um aumento de 19,6% nas despesas, com destaque para pessoal e encargos, com alta de 25,36%, e para custeio e capital, com alta de 23,7%. O superávit primário do mês de fevereiro atingiu R\$ 4,1 bilhões, o que representou uma queda de 3,61% para 3,44% do PIB no acumulado em 12 meses, resultado principalmente da queda do superávit do Governo Central, de 2,05% para 1,94% do PIB. Com este resultado, a dívida líquida do setor público aumentou de 36,9% do PIB para 37,0% do PIB.

Embora com uma perspectiva de crescimento menor da economia, o BACEN manteve em 35% a projeção da relação da dívida líquida do setor público com o

PIB para o final de 2009. Para março, a expectativa é de elevação para 37,5%, ante os 37% do PIB fechados em fevereiro. Na revisão, uma carga mais baixa de juros e taxa de câmbio mais alta ao fim do ano compensaram a mudança de parâmetros. Ao fim de 2008, quando esperava uma variação real do PIB de 3,2% neste ano, o BACEN projetava uma dívida versus PIB em 35% ao fim de 2009. Também considerava juros em 4,8% do PIB, um resultado nominal equivalente a 1% do PIB e superávit primário na meta de 3,8% do PIB. Para tais estimativas, a autoridade monetária tinha como parâmetros expectativas do mercado financeiro como uma taxa média do juro básico Selic em 12,4% este ano; taxa de câmbio em R\$ 2,25 em dezembro e variação do IGP-DI em 5,5%. Nos últimos três meses, como a crise global gerou diversas mudanças nas variáveis, o BACEN reviu sua projeção, mas continua a apostar na queda da relação dívida ante o PIB para 35% ao fim de 2009. Segundo informou o chefe do Departamento Econômico do BACEN, Altamir Lopes, com a trajetória de redução da Selic, a carga de juros nominais cairá para 4,3% do PIB, considerando o juro médio de 10,1% no ano. O resultado nominal será deficitário, mas correspondendo a 0,5% do PIB, ou seja, metade da projeção anterior, prevendo-se o cumprimento da meta de superávit primário em 3,8% do PIB. Para tais projeções, a autoridade monetária considerou sua própria redução para o PIB, agora esperado com alta real de 1,2%, além de parâmetros do mercado financeiro como a taxa de câmbio em R\$ 2,3 ao fim do ano e IGP-DI com crescimento de 3,16% em 2009.

Segundo analistas, o Brasil deverá aproveitar a posição de liderança na agricultura para aumentar sua influência internacional nos próximos anos. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), até 2050 o mundo deverá dobrar a produção para alimentar uma população de 9 bilhões de pessoas. Com disponibilidade de terras agricultáveis, água em abundância, condições de clima favoráveis, domínio da tecnologia de agricultura tropical e uma agroindústria avançada, o Brasil poderá chegar a 2020

como a principal potência agrícola do mundial. O avanço nessa área acontece em um momento crucial: desde o ano passado, o tema da segurança alimentar voltou à agenda internacional, com a crise provocada pela alta dos alimentos. O próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem usado politicamente o potencial agrícola brasileiro em suas participações em fóruns internacionais. Nesta safra, o Brasil deverá colher mais de 135 milhões de toneladas de grãos, o que representa cerca de 6% da produção mundial, estimada em 2,2 bilhões de toneladas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). O país já figura entre os líderes em algumas das principais culturas. É o segundo maior produtor de soja (atrás dos Estados Unidos) e o terceiro de milho (depois de Estados Unidos e China). É destaque ainda em uma gama de produtos, de café e carnes a frutas e etanol. No entanto, diferentemente de outros líderes nesse setor, que já chegaram a seu limite de área e produtividade, o Brasil ainda tem muito a avançar. Os cálculos dos analistas sobre o volume de terras agricultáveis disponíveis no Brasil variam de 60 milhões a 200 milhões de hectares. Segundo o governo e diversos especialistas, as terras inseridas nessas estimativas não incluem regiões de florestas ou de reservas, e são formadas principalmente por pastagens degradadas, que podem ser reaproveitadas para agricultura, e áreas nativas a ser abertas. Esse potencial de terras ainda inexploradas coloca o Brasil em uma posição de destaque em relação aos outros grandes emergentes do grupo BRIC. Outro ponto a favor do Brasil é a tecnologia para agricultura tropical, considerada por especialistas a mais avançada do mundo. Nas últimas décadas, pesquisadores brasileiros conseguiram, entre outras conquistas, adaptar variedades antes produtivas somente em regiões temperadas às condições de solo e clima do cerrado, o que fez o Brasil despontar como grande produtor agropecuário. O domínio dessa tecnologia e o melhoramento de sementes ampliaram as fronteiras agrícolas do Brasil e transformaram regiões antes consideradas improdutivas, como o sul do Maranhão, em importantes pólos de produção. Além disso, a tecnologia também permitiu aumentar o rendimento por

hectare e, com isso, a produção brasileira deu um salto sem tanta necessidade de expansão de área. Um dos principais gargalos apontados por analistas, porém, se refere a infra-estrutura e logística: a distância de portos e de grandes centros consumidores e a falta de uma malha ferroviária dificultam o escoamento e reduzem a competitividade de muitos produtores. Há ainda deficiência de estrutura em portos e falta de armazéns, além do desafio de combater o protecionismo no mercado internacional. No entanto, os especialistas afirmam que o Brasil tem condições de superar esses entraves e não duvidam da capacidade do país de assumir seu papel de liderança no agronegócio mundial.

## **Mercado Financeiro**

A terça-feira, último pregão do mês de março e também do primeiro trimestre, foi um retrato fiel do que aconteceu nos mercados brasileiros durante todo o mês de março: ganhos na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), queda no preço do dólar e redução nos prêmios de risco das taxas futuras.

Após um início de março marcado pelo pessimismo generalizado - com dúvidas pelo mundo em relação a um fim possível para a atual crise levando a perdas nos bancos europeus e índices americanos chegando a testar mínimas não observadas em mais de 12 anos -, o sentimento começou a mudar já no dia 10, depois que o presidente do Citigroup, Vikram Pandit, disse que o banco acumulava lucro nos dois primeiros meses do ano, constatação também feita em seguida pelo Bank of America e JP Morgan. No resto do mês, sinais, mesmo que fracos, de recuperação no mercado imobiliário norte-americano e os planos de ajuda anunciados nos Estados Unidos aumentaram o fôlego dos mercados. Na semana passada, o plano de resgate do sistema financeiro detalhado pelo governo norte-americano foi o grande destaque positivo para os mercados financeiros pelo mundo. Nos últimos dias do mês, mesmo com o ambiente de correção de preços devido ao agravamento dos problemas envolvendo as montadoras e algumas declarações menos animadoras sobre os bancos americanos, o sentimento de otimismo ainda conseguiu manter as bolsas pelo mundo no azul.

Baseados no que acabamos de descrever, mantemos o otimismo para daqui pra frente e não acreditamos na teoria pessimista de que março foi apenas um ajuste técnico, depois de um período extremamente negativo para as bolsas no mundo. Apostamos que a tendência é de melhora gradual de agora em diante, e que as bolsas anteciparam uma melhora futura na economia real.

Para completar este quadro e apoiar nossa crença, os investidores estrangeiros continuam atuando na ponta compradora da Bovespa. No acumulado do mês de março até o dia 27, o saldo de negociação direta estava positivo em R\$ 2,162 bilhões. Com tal resultado, março confirma ser o segundo mês consecutivo com entrada de recursos estrangeiros na Bovespa. Fevereiro, que apontou entrada líquida de R\$ 544 milhões, tinha encerrado uma seqüência de oito meses com perda de recursos. A presença do estrangeiro ajuda a explicar o bom desempenho do Ibovespa, no mês passado: o indicador acumulou alta de 7,18% em março, marcando assim, o maior ganho mensal desde abril do ano passado. Entre os dias 2 e 27 de março, os não residentes efetuaram compras no valor de R\$ 28,132 bilhões; já as vendas totalizaram R\$ 25,970 bilhões. Enquanto os estrangeiros compram, as pessoas físicas vendem: no mesmo período analisado, o saldo dessa classe de investidor estava negativo em R\$ 1,28 bilhão.

A composição do Ibovespa, principal índice da Bovespa, não deve registrar alterações no segundo quadrimestre do ano. De acordo com a primeira prévia do índice, que vai vigorar de maio a agosto, estão mantidas as mesmas 65 ações. A prévia também não traz alteração entre os cinco papéis de maior peso dentro do Ibovespa, ocorre apenas uma mudança de posição: com a adição do Unibanco, as ações do Itaú saíram da quinta para a terceira colocação. O ativo PN da Petrobras não só mantém, como amplia a liderança, respondendo por 17,03% do Ibovespa. Vale PNA vem logo atrás, com 12,2%. Itaú Unibanco PN aparece com 5,87%, BM&FBovespa ON responde por 4,3% e Bradesco PN perfaz 3,84%. Para efeito de comparação, os ativos com maior peso na carteira atual são: Petrobras PN com 16,71%, Vale PNA com 11,88%, BM&FBovespa ON com 4,36%, Bradesco PN com 3,7%, e Itaú PN com 3,471%. A BM&FBovespa também apresentou a primeira prévia de outros índices. Na carteira do IBrX-Brasil entram as ações ON da BR Malls e da OGX Petróleo e saíram os ativos ON da OHL Brasil. Já na carteira do

IBrX-50 entram os papéis ON da MMX Mineração e Souza Cruz e saíram os PN da Duratex.

A análise detalhada da semana nas principais praças financeiras do mundo nos dará, a seguir, uma visão mais completa da situação que descrevemos mais acima.

A segunda-feira abriu a semana com tom negativo para os mercados brasileiros e internacionais. A preocupação dos agentes começou a semana voltada para as montadoras americanas, depois que o governo dos Estados Unidos rejeitou os planos de recuperação da General Motors (GM) e da Chrysler e sugeriu que um processo de falência coordenado das empresas poderia ser a melhor saída para o setor. O temor dos agentes é que a queda de uma dessas empresas possa dar início a uma nova rodada de forte pessimismo, devido às implicações em outros segmentos da economia. A preocupação maior está com a GM, que não descartou a possibilidade de falência. Já a Chrysler acatou sugestão do Tesouro e correu para fechar uma parceria com a Fiat, o que pode render US\$ 6 bilhões em ajuda do governo americano.

Além disso, o setor financeiro, que puxou a recente retomada de preços no mercado externo, também foi alvo de vendas acentuadas. A confiança com relação aos bancos foi atingida pelas declarações que o secretário do Tesouro, Timothy Geithner, fez no fim de semana, afirmando que algumas empresas do setor ainda vão precisar de ajuda substancial do governo. Além disso, alguns bancos afirmaram que o mês de março está mais complicado para seus negócios depois dos resultados positivos observados em janeiro e fevereiro.

Na Bovespa, o Ibovespa teve a maior perda diária em quatro semanas, recuando 2,99%, para 40.653 pontos. O giro financeiro passou de R\$ 3,6 bilhões. As ações da Petrobras, Vale, siderúrgicas e bancos puxaram as perdas.

O câmbio também refletiu o mau humor generalizado e subiu contra o real. Ao fim do pregão, a moeda era negociada a R\$ 2,330 na compra e R\$ 2,332 na venda, com valorização de 1,70%. Maior preço desde 11 de março.

Nos Estados Unidos, em Wall Street, o Dow Jones caiu 3,27%, para 7.522 pontos. O S&P500 cedeu 3,48%, a 787 pontos, e o Nasdaq Composite recuou 2,81%, a 1.501 pontos.

Na Ásia, a bolsa do Japão fechou em queda de 4,53% e na China, a bolsa de Hong Kong encerrou com desvalorização de 4,69%.

Na Europa, a bolsa de Londres caiu 3,48%, Paris desvalorizou 4,26% e na Alemanha a queda foi de 5,09%.

Os investidores continuam acompanhando a temporada de balanços referente ao ano de 2008, que já se encontra na etapa de final. Na sexta-feira passada, após o encerramento dos negócios na Bovespa, a Sadia divulgou que apurou um prejuízo líquido consolidado de R\$ 2,48 bilhões em 2008, invertendo o lucro apresentado no mesmo período do ano anterior, cujo montante foi de R\$ 768,35 milhões. O forte recuo em seu resultado foi devido principalmente ao prejuízo com derivativos cambiais, face a forte desvalorização do real. Os papéis da empresa reagiram favoravelmente ao pronunciamento do presidente do Conselho de Administração da companhia, Luiz Fernando Furlan, de que as conversas sobre fusão das operações entre a Sadia e a Perdigão ainda continuam. Luiz Fernando Furlan, disse na segunda-feira que espera uma decisão sobre as conversações para eventual fusão com a Perdigão até junho próximo. A afirmação foi feita em conversa com jornalistas depois de Furlan participar de encontro com analistas, em São Paulo, para apresentar os resultados da empresa em 2008. Quando questionado sobre o que estava emperrando as negociações com a Perdigão, Furlan disse que se trata de uma relação de troca, de como se vai compor a participação das duas empresas numa situação futura. Indagado se o problema

era preço respondeu que não, porque ninguém está vendendo nada. Sobre uma possível injeção de recursos do BNDES, Furlan disse que a pergunta deveria ser dirigida ao diretor do banco de fomento. Apesar do prejuízo apresentado pela Sadia, as ações PN da empresa apresentaram alta de 1,66%, entre as maiores valorizações do Ibovespa. As da Perdigão recuaram 4,9%.

A Eletrobrás divulgou que, no quarto trimestre de 2008, apresentou um resultado de R\$ 3,04 bilhões, tendo um incremento de aproximadamente 85% em relação ao mesmo período de 2007. No acumulado de 2008, a companhia lucrou R\$ 6,14 bilhões, uma forte elevação em comparação ao ano anterior, cujo resultado foi de R\$ 1,55 bilhão.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) também anunciou seus resultados referentes ao ano de 2008. Neste período, a empresa apresentou um resultado positivo consolidado de R\$ 5,77 bilhões, tendo uma alta acentuada de 97,60% sobre o lucro de R\$ 2,92 bilhões registrado em 2007. Apesar do resultado as ações ON da empresa apresentaram baixa.

Com a queda das commodities metálicas e do petróleo no mercado internacional, as ações das blue chips Vale e Petrobrás apresentaram queda.

Fora do Índice Bovespa, as ações ON da Globex apresentaram valorização de 12,63%, reagindo à notícia de que a Ponto Frio, uma das maiores redes varejistas do país, foi oficialmente colocada à venda. Em fato relevante enviado à Comissão de Valores Mobiliários, a Globex Utilidades, controladora da Ponto Frio, informou ter contratado uma instituição financeira para assessorá-la na negociação com potenciais interessados em adquirir o controle da companhia.

Na terça-feira, o Ibovespa fechou com alta de 0,67%, em 40.925 pontos. O giro financeiro ficou em R\$ 4,17 bilhões. O índice fechou o mês de março com

valorização de 7,18%, melhor desempenho mensal desde abril do ano passado. No primeiro trimestre do ano tivemos um ganho de 8,99%.

O dia também foi positivo em Wall Street, onde o Dow Jones subiu 1,16%, para 7.608 pontos. O S&P500 ganhou 1,31%, a 797 pontos, e o Nasdaq Composite aumentou 1,78%, a 1.528 pontos. No mês, a valorização dos índices foi expressiva, com os indicadores registrando os melhores desempenhos mensais em cerca de sete anos. O Dow Jones subiu 7,7%, enquanto S&P e Nasdaq tiveram acréscimo de 8,43% e 10,96%, respectivamente. No trimestre, contudo, o Dow Jones ainda perdeu 13,3% e o S&P recuou 11,74%. Já o Nasdaq fechou o período com baixa de 3,10%.

As bolsas de valores da Ásia terminaram em alta na terça-feira, motivadas pelas ações do setor de tecnologia, com alguns investidores apostando que o período mais doloroso de danos aos balanços das empresas já deve ter acabado. Diante do término do primeiro trimestre e do ano financeiro do Japão, as ações, os preços do petróleo e moedas de alto rendimento avançaram após terem registrado fraco desempenho na segunda-feira devido a notícias de que o governo dos Estados Unidos estava considerando pressionar a General Motors a pedir proteção judicial contra falência.

O indicador Nikkei, da bolsa de Tóquio, caiu 1,54%, a 8.109 pontos, com investidores desconsiderando um anúncio inesperado feito na terça-feira sobre um novo pacote de gastos do governo antes da cúpula do G20 ainda nesta semana. Já em Seul, a bolsa encerrou em alta de 0,73%, para 1.206 pontos, acumulando alta 13,5% em março, maior valorização desde 2001. Taiwan encerrou com oscilação positiva de 0,09%, a 5.210 pontos, e fechou o trimestre com ganhos de 15%, motivados por ordens de compra da China como parte do grande pacote de gastos do país para estimular a economia. A bolsa de Sydney perdeu 0,62%, a 3.582 pontos, enquanto Cingapura avançou 1,6%, para 1.699

pontos. O índice de Xangai registrou alta de 0,64%, para 2.373 pontos, e o de Hong Kong ganhou 0,89%, a 13.576 pontos.

Os principais índices de ações europeus fecharam em alta na terça-feira, com os papéis de mineradoras avançando diante dos preços mais fortes de metais. Além disso, grandes bancos recuperaram o terreno perdido na véspera. O índice FTSEurofirst 300, referência dos mercados acionários europeus, avançou 3,47%, para 733 pontos. O indicador subiu 1,9% em março, mas caiu 11,9% no primeiro trimestre do ano, atingido pela crise financeira.

As ações de mineradoras apresentaram bom desempenho, à medida que o cobre avançava 4%. Os papéis de Anglo American, Antofagasta, BHP Billiton e Xstrata ganharam entre 6,6 e 10,4%.

Os papéis de bancos que subiram incluem BNP Paribas, Credit Suisse, HSBC, Lloyds e UBS, oscilando entre 5,4 e 10%.

Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 4,34%, a 3.926 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX subiu 2,39%, para 4.084 pontos. Em Paris, o índice CAC-40 avançou 3,24%, para 2.807 pontos. Em Milão, o índice Mibtel encerrou com valorização de 3,50%, a 12.855 pontos. Em Madrid, o índice Ibex-35 registrou avanço de 2,81%, para 7.815 pontos. Em Lisboa, o índice PSI20 teve alta de 2,16%, para 6.174 pontos.

No plano corporativo, o final da temporada de balanços referentes ao ano de 2008 atraiu a atenção dos investidores. A companhia aérea TAM anunciou na terça-feira que teve prejuízo líquido no quarto trimestre de 1,123 bilhão de reais, revertendo resultado positivo de um ano antes, após sofrer forte despesa financeira gerada por operações de hedge de combustível e pela valorização do dólar contra o real. A companhia, que divulgou seus resultados trimestrais em legislação norte-americana (US GAAP), reduziu ainda suas perspectivas para o mercado doméstico este ano, passando de crescimento de 5 a 9% para uma

expansão de 1 a 5%. A empresa, que praticamente divide o mercado de aviação brasileiro com a Gol, informou prejuízo líquido em 2008 de 1,34 bilhão de reais, ante lucro um ano antes de 467 milhões de reais. O dado anual da TAM também foi apresentado de acordo com regras brasileiras, sendo de prejuízo de 1,36 bilhão de reais ano passado contra lucro de 505,13 milhões de reais em 2007. Na semana passada, a rival Gol divulgou perda de 1,387 bilhão de reais contra ganho em 2007 de 272,26 milhões de reais. A TAM incorreu em despesas financeiras de 2,15 bilhões de reais no quarto trimestre do ano passado, impactada por perdas com hedge de combustível de 919 milhões de reais e com variações cambiais de 815 milhões de reais. Um ano antes, as despesas financeiras no período tinham sido de 335 milhões de reais. As operações de hedge de combustível serviam para proteger a empresa da acentuada alta no valor do barril do petróleo até o agravamento da crise financeira internacional em meados de setembro, mas, depois disso, a cotação da commodity desabou e as operações de defesa passaram a gerar perdas. A geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação, amortização e leasing de aeronaves (Ebitdar, na sigla em inglês) da TAM no quarto trimestre foi de 521,6 milhões de reais, alta de 67% na comparação com o mesmo período do ano anterior. A margem passou de 13,7 % para 17,9 %. A companhia fechou o quarto trimestre com receita líquida de 2,92 bilhões de reais, crescimento de 28,2% sobre igual período de 2007. Enquanto isso, o número de passageiros transportado avançou apenas 1,8%, para 7,385 milhões. A TAM informou ainda que manterá investimentos em ampliação de frota, com investimentos de 6,9 bilhões de dólares até 2018 e que vai elevar oferta de assentos nos mercados doméstico e internacional, em 8 e 20%, respectivamente este ano. Os papéis PN da companhia aérea figuraram entre as maiores perdas do Ibovespa.

A Votorantim Celulose e Papel anunciou no fim da noite de segunda-feira que fechou o quarto trimestre com prejuízo líquido de 970 milhões de reais, ante

resultado positivo de 191 milhões de reais um ano antes. A companhia, que está incorporando a maior fabricante de celulose de eucalipto do mundo, a Aracruz, informou lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de 190 milhões de reais e margem estável em 29%. Um ano antes, a geração de caixa do quarto trimestre havia sido de 184 milhões de reais. Em 2008, a VCP registrou prejuízo líquido de 1,312 bilhão de reais, invertendo ganho de 838 milhões de reais obtido em 2007. A receita líquida de outubro a dezembro somou 661 milhões de reais, crescimento de 6% sobre igual período de 2007. Apesar do resultado negativo, os papéis PN da companhia fecharam em alta de 2,37%.

O Unibanco apresentou um lucro líquido de R\$ 33,56 milhões no ano de 2008, apontando uma forte queda quando comparado com o montante de R\$ 3,45 bilhões registrado no ano anterior. Já o Unibanco Holding anunciou um prejuízo líquido de R\$ 52,87 milhões no ano de 2008, ante um lucro líquido de R\$ 1,82 bilhão no ano de 2007.

Destaque para os papéis do Itaú e do Unibanco que passaram a ser negociados de forma unificada na Bovespa. Em comunicado enviado ao mercado, as ações passam a ser negociadas com o nome de pregão ITAUUNIBANCO, com o código ITAU. Os investidores que detém ações ON do Unibanco e do Unibanco Holdings irão receber uma ação ON do Itaú Unibanco para cada 1,1797 ação ON possuída. Os acionistas que detiverem ações PN do Unibanco e do Unibanco Holdings receberão um papel PN do novo banco para cada 3,4782 ações PN em carteira. Já no caso dos acionistas que possuírem units do Unibanco, a relação de troca será uma ação PN do Itaú Unibanco para cada 1,7391 que possuírem.

Os papéis PNA da Telemar Norte Leste lideraram as valorizações do Ibovespa. Segundo relatório do banco de investimentos UBS Pactual, a incorporação das

ações PN da Brasil Telecom operadora e da Brasil Telecom Participações deverão tornar os papéis da empresa mais relevantes no índice Bovespa.

A Companhia Siderúrgica Nacional informou que, após o anúncio de distribuição de dividendos, foi surpreendida pela ordem do juiz da 6ª Vara de Execuções Fiscais Federais da Justiça Federal do Rio de Janeiro de bloqueio do montante equivalente a R\$ 799,37 milhões. Entretanto, a empresa informou que está tomando todas as medidas para a liberação dos recursos e o pagamento da totalidade dos dividendos. As ações ON da CSN encerraram o dia com ganhos de 2,66%.

Executivos do setor aéreo disseram, na terça-feira, que as empresas aéreas vão reduzir em quase 8% suas emissões de carbono neste ano, ao diminuírem o número de vôos por causa da queda na demanda. O setor aéreo já foi considerado o principal fator por trás do aquecimento global, que está vinculado à queima de combustíveis fósseis, como o petróleo. A crise global, no entanto, obriga as companhias a economizarem combustível, o que tem efeitos colaterais benéficos para o meio ambiente. Segundo a Associação Internacional do Transporte Aéreo (Iata, na sigla em inglês), cerca de 6% da redução prevista nas emissões de carbono será resultante da redução de vôos em 2009, e outros 1,8% refletem medidas destinadas a melhorar a eficiência energética.

A General Motors e a Ford anunciaram uma nova série de incentivos para compras de veículos por clientes que tenham perdido seus empregos, seguindo a ação das concorrentes de oferecer descontos pesados para atrair consumidores afastados pela recessão. A GM, que já recebeu 13,4 bilhões de dólares em empréstimos do governo para sobreviver desde o início do ano, informou na terça-feira que vai cobrir nove prestações de veículos, de até 500 dólares por mês, se seus clientes perderem a renda. A oferta passará a valer na quarta-feira e durará até 30 de abril. Por sua vez, a Ford, que não pediu financiamento do

governo, divulgou que vai cobrir pagamentos pelo período de até um ano se os clientes perderem seus empregos, sob um programa que valerá até 1 de junho. Ambos os programas, oferecidos após a criação do financiamento à taxa de 0%, vieram em uma época em que as vendas de automóveis nos Estados Unidos estão em seus menores níveis em cerca de três décadas, pressionadas pelo aperto do crédito e pela fraca confiança do consumidor.

A PSA Peugeot Citroën anunciou na terça-feira demissão de 250 funcionários de sua fábrica de carros e motores em Porto Real, no Rio de Janeiro, por queda drástica nas exportações. Os funcionários demitidos trabalhavam no terceiro turno da unidade, que estava em férias coletivas desde janeiro. O turno empregava 700 funcionários, dos quais 450 foram reaproveitados nos outros dois períodos de trabalho da fábrica. Segundo a empresa, no primeiro bimestre, as exportações de motores desabaram 78% em relação ao mesmo período do ano passado e as vendas externas de veículos caíram 30%. Após os cortes, a PSA Peugeot Citroën passa a empregar 3.600 funcionários no Brasil, dos quais 3.000 na fábrica fluminense. A unidade produz os modelos 206, linha 207, Citroën C3 e Xsara Picasso, além de motores 1.4 e 1.6. Apesar dos cortes, a empresa afirma que todos os projetos industriais e de desenvolvimento de novos produtos no Brasil estão mantidos.

A indústria de alimentos Nilza, sediada no município paulista de Ribeirão Preto, demitiu na segunda-feira 550 funcionários das três unidades da empresa, situadas em São Paulo e Minas Gerais. A expectativa é de que 30% dos profissionais sejam recontratados em aproximadamente 180 dias. Sofrendo os efeitos da crise financeira mundial, a empresa, após várias tentativas de renegociação com instituições financeiras credoras, entrou com pedido de recuperação judicial na sexta-feira, dia 27, alegando dívida de R\$ 200 milhões. No auge das atividades, a empresa atingiu o volume de produção de 1,2 milhão

de litros de leite por dia. Como efeito da crise, em outubro do ano passado, a produção diária caiu para 800 mil litros.

A Bovespa começou o mês de abril com variação positiva: o Ibovespa garantiu alta de 2,57% na quarta-feira, encerrando aos 41.976 pontos. O giro financeiro ficou em R\$ 4,34 bilhões. Entre os ativos de maior peso no Ibovespa, Petrobras PN subiu 2,97%, para R\$ 29,40; Vale PNA avançou 1,12%, a R\$ 27,05; BM&FBovespa ON aumentou 6,68%, cotada a R\$ 7,50; Bradesco PN valorizou 2,94%, a R\$ 23,78; e Itaú PN ganhou 1,63%, para R\$ 26,05.

Grande parte das bolsas asiáticas fechou no terreno positivo na quarta-feira, mas a jornada foi marcada por ganhos e perdas. Os investidores ficaram atentos à possibilidade de concordata de montadoras nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, consideram os esforços realizados pelos governos para estimular a economia e aliviar as restrições no ambiente de crédito. Em Tóquio, o índice Nikkei 225 fechou em alta de 2,99%, aos 8.351,91 pontos. O Shanghai Composite, em Xangai, aumentou 1,47%, aos 2.408,02 pontos. Em Seul, o Kospí registrou elevação de 2,25%, alcançando 1.233,36 pontos. Na contramão, em Hong Kong, o Hang Seng teve queda de 0,42% e ficou em 13.519,54 pontos.

Os principais índices de ações europeus subiram na quarta-feira, impulsionados pelos papéis do setor financeiro, como ING e Barclays, e dados dos Estados Unidos que aumentaram as esperanças de uma recuperação econômica próxima. O índice FTSEurofirst 300, que abrange as principais ações européias, fechou em alta de 1,56%, a 745 pontos, apresentando avanço pelo segundo dia seguido. Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 0,75%, a 3.955 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX subiu 1,13%, para 4.131 pontos. Em Paris, o índice CAC-40 avançou 1,15%, para 2.839 pontos. Em Milão, o índice Mibtel encerrou com valorização de 0,93%, a 12.974 pontos. Em Madrid, o índice Ibex-35 registrou avanço de 2,01%, para 7.972 pontos. Em Lisboa, o índice PSI20 teve apreciação de 0,68%, a 6.216 pontos. Entre os papéis de bancos, os do ING saltaram 8%,

do Barclays avançaram 6%, do Credit Suisse ganharam quase 6% e do BNP Paribas tiveram alta de 5,5%.

Nos Estados Unidos, o aumento das vendas de casas usadas e os dados da atividade industrial no país levaram as bolsas de Nova York para o segundo dia consecutivo de alta. No setor automotivo, entretanto, as ações continuaram em queda. O Dow Jones fechou com ganho de 1,95%, para 7,756 pontos. O S&P500 avançou 1,66% e fechou aos 811 pontos. O eletrônico Nasdaq terminou com 1.551 pontos, em alta de 1,51%.

No cenário corporativo, as ações PN da Lojas Americanas operaram em alta. Em nota enviada a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a empresa comunicou que iniciou, em caráter totalmente preliminar, uma análise de informações relativas à Globex Utilidades, para avaliação da rede varejista Ponto Frio. Lembrando que na segunda-feira a Globex colocou oficialmente à venda a sua controlada Ponto Frio. As ações ON da Globex, que não fazem parte do Ibovespa, apresentaram alta. Vale destacar ainda que o Grupo Silvio Santos também manifestou interesse na rede Ponto Frio.

Depois de apresentar um forte prejuízo de R\$ 848,02 milhões no ano de 2008, a MMX Mineração, do empresário Eike Batista, informou que contratou um assessor financeiro para auxiliá-la em uma possível venda estratégica de parte ou de todos os seus ativos. Eike Batista, durante conferência com analistas de mercado, disse que está negociando a venda da empresa para companhias da Ásia. As ações ON da MMX fecharam com valorização de 11,11%, na Bovespa.

A Votorantim Celulose e Papel (VCP) protocolou na CVM pedido de oferta pública para a aquisição da totalidade das ações da Aracruz que estão em circulação no mercado. Desta forma, serão pagos aproximadamente R\$ 17,00 por cada ação ON da Aracruz.

A Companhia Energética de São Paulo (Cesp) encerrou o ano de 2008 com um prejuízo bilionário de R\$ 2,35 bilhões. Não foram as operações da companhia ou o esperado impacto da variação cambial sobre a sua dívida em dólar os responsáveis por tão grande perda, mas a aplicação das novas regras contábeis. Uma das novas regras obriga empresas a realizar reavaliações periódicas de alguns tipos de ativos, como usinas, por exemplo, e quando o resultado da reavaliação aponta para um preço inferior ao chamado valor histórico (aquele registrado no balanço com base no custo) e não existe perspectiva de recuperação desse valor no futuro, a companhia é obrigada a fazer um ajuste (impairment, no jargão do meio contábil), que leva à perda. Foi o que aconteceu com uma das usinas geradoras de energia da Cesp, Porto Primavera. O ajuste foi tão grande que consumiu todo o lucro que a empresa teve com sua atividade no ano passado. Porto Primavera tinha valor contábil de R\$ 13,38 bilhões e a diferença em relação à reavaliação foi de R\$ 2,47 bilhões. Além de afetar o resultado, o ajuste do valor de Porto Primavera derrubou o ativo da empresa de R\$ 17,32 bilhões para R\$ 14,64 bilhões. Por conta do prejuízo, a empresa não terá dividendos a distribuir agora, mas o governo e a companhia resolveram tomar uma medida para não comprometer os dividendos de 2009: a empresa usará parte de sua reserva de capital para zerar a conta de prejuízos acumulados, liberando-a a pagar dividendos e juros sobre capital próprio relativos a esse ano. Atualmente, a Cesp tem reserva de capital de R\$ 4,35 bilhões. As ações PNB da Cesp lideraram as altas do Ibovespa nesta sessão, fechando com valorização de 7,08%.

Entre as maiores quedas do Ibovespa estiveram presentes as ações ON da Redecard, que foram influenciadas negativamente pela possibilidade de uma regulação mais rígida no setor de cartões de crédito. Na terça-feira o Banco Central divulgou um estudo sobre o setor, identificando uma série de barreiras que impedem a concorrência. Agora, a instituição abrirá espaço para receber

críticas ou sugestões da sociedade, para posteriormente criar normas que regulem o setor.

O Frigorífico Independência divulgou comunicado na quarta-feira, informando que vai demitir 1.400 funcionários, após o fechamento de sua unidade de abate e desossa em Nova Xavantina (MT), da unidade de desossa em Presidente Venceslau (SP) e do centro de distribuição em Itupeva (SP). Com isso, já somam 5.300 as vagas cortadas pela empresa desde a semana passada. Segundo o frigorífico, os fechamentos e as reduções nestas unidades são parte de um programa em andamento de ajuste das operações do Independência à realidade do mercado atual, que foi severamente impactado pela menor demanda internacional, pelo excesso de oferta de carne, tanto no mercado doméstico como nas exportações, e pela queda nos preços de venda da carne, e fez com que as operações apresentassem uma margem bruta negativa de dois dígitos nos últimos meses.

A NET Serviços de Comunicação, maior empresa de TV paga do país, registrou aumento nas vendas em janeiro e fevereiro em relação a 2008, movimento que se repetiu até meados de março. A companhia também afirma estarem inalterados o churn (índice de desistência por parte dos clientes) e os indicadores de inadimplência na comparação com o ano anterior, apesar da crise financeira internacional. A empresa está disposta a manter o plano de investimentos de 1 bilhão de reais este ano, mas também se diz pronta para um plano B, se o cenário for diferente nos próximos meses: nesse caso, a operadora se concentraria em reter a base de clientes, mais do que em crescer.

A rede de supermercados Wal-Mart investirá R\$ 450 milhões na abertura de 30 lojas na região Nordeste neste ano. Hoje são 138 lojas nos nove Estados nordestinos. Esse projeto faz parte do plano de investimento anunciado em agosto de aplicar R\$ 1,6 bilhão no Brasil neste ano, com a inauguração de 90 unidades. A empresa não detalhou quantas unidades abrirá com cada uma das

suas seis bandeiras usadas no Nordeste, porém, Hector Núñez, presidente do Wal-Mart Brasil, afirmou que a marca Todo Dia, voltada para o público de mais baixa renda, deverá ter uma participação significativa dentro das 30 inaugurações. No ano passado, as vendas do Wal-Mart Brasil cresceram 13,1%, alcançando R\$ 17 bilhões. Para este ano, o presidente da rede não quis fazer previsões. Nos Estados Unidos, a varejista tem conseguido se sobressair em meio à crise: em janeiro, por exemplo, foi a única rede que anunciou crescimento das vendas, de 2,1% nas mesmas lojas que tinha em 2008.

A montadora japonesa Honda suspenderá a produção em suas fábricas da América do Norte por 14 dias, divididos ao longo de três meses a partir de maio, com o objetivo de ajustar os níveis dos estoques. A queda da demanda por automóveis no mundo todo, especialmente em Estados Unidos e Canadá, obrigou a empresa a tomar a medida, segundo informaram na quarta-feira à Agência Efe fontes da Honda. Com a medida, a Honda reduzirá em 62 mil veículos sua produção para finais do atual ano fiscal, que começou na quarta-feira no Japão e termina em março de 2010. Em junho, a suspensão acontecerá em 5 e 19 nas fábricas norte-americanas da Honda, enquanto em julho a paralisação se dará em cinco dias consecutivos, entre 6 e 10.

A AES Uruguaiana, termelétrica a gás instalada no município gaúcho de mesmo nome, anunciou oficialmente na quarta-feira a paralisação de suas atividades. O motivo é a interrupção continuada do fornecimento de gás pela argentina YPF, que não entrega o combustível desde maio de 2008. Sem o gás, a empresa brasileira se disse obrigada a comprar o combustível no mercado livre, onde os preços são bem maiores, para conseguir honrar os compromissos de entrega de energia para com as distribuidoras.

Na quinta-feira, acompanhando a onda de otimismo que passou por mercados na Ásia, Europa e Estados Unidos, a Bovespa registrou nova máxima para o ano de 2009, ao encerrar acima dos 43 mil pontos. Em forte alta desde o começo dos

negócios, o Ibovespa fechou o dia com valorização de 4,19%, aos 43.736 pontos, maior pontuação desde 3 de outubro. O giro financeiro foi elevado, somando R\$ 5,89 bilhões, o maior do ano. Na máxima, o índice chegou aos 44.286 pontos. O fim da reunião do G-20 e as mudanças nas regras contábeis norte-americanas foram os pontos altos do dia.

Dentro do Ibovespa, 59 dos 65 papéis listados tiveram variação positiva. Entre os carros-chefe, destaque para o papel PNA da Vale, que aumentou 6,09%, fechando a R\$ 28,70. Petrobras PN ganhou 3,74%, para R\$ 30,50. Também beneficiadas pelo maior preço das commodities, a siderúrgicas voltaram a ganhar valor: Gerdau PN subiu 5,58%, para R\$ 14,17; Usiminas PNA teve valorização de 6,20%, a R\$ 31,85; e CSN ON ganhou 4,22%, para R\$ 37,00. Entre os bancos, Itaú Unibanco PN teve acréscimo de 4,79%, a R\$ 27,30, Bradesco PN ganhou 2,98%, a R\$ 24,47, e Banco do Brasil ON avançou 2,64%, negociado a R\$ 18,23. Liderando aos ganhos, o papel ON da JBS, que controla o frigorífico Friboi, subiu 9,34%, para R\$ 5,85. Lojas Renner ON ganhou 9,32%, a R\$ 15,95. Cyrela ON e Cosan ON também tiveram altas superiores a 9%.

Nos mercados asiáticos, a bolsa de Tóquio encerrou no maior patamar em três meses na quinta-feira, motivada pelo avanço das ações de companhias do setor automotivo em meio a perspectivas de que a economia norte-americana já atingiu o fundo do poço. Os demais mercados acionários da Ásia também registraram valorização, puxada principalmente pelos papéis dos setores financeiro e de matérias-primas. Em Tóquio, o índice Nikkei 225 fechou em alta de 4,40%, aos 8.719,78 pontos, tendo acumulado ganhos de 15% desde março. Em Hong Kong, os ganhos também foram fortes, com o Hang Seng encerrando as operações com alta de 7,41%, aos 14.521,97 pontos. Em Xangai, o Shanghai Composite avançou 0,72%, aos 2.425,29 pontos, enquanto, em Seul, o Kospi ganhou 3,54%, aos 1.276,97 pontos. As ações da Nissan Motor subiram 21% e os papéis do HSBC Holdings avançaram 16%. O Mitsubishi UFJ Financial Group,

maior banco do Japão, saltou 6,7%. As ações da Honda Motor dispararam quase 11%, atingindo a máxima em mais de cinco meses. Já as da Toyota Motor saltaram 5,5%, para o nível mais alto em quatro meses, com investidores apostando que a General Motors pode evitar uma eventual falência.

Na Europa, terceiro dia consecutivo de ganhos, puxado pela alta das ações de bancos. O FTSE-100, de Londres, fechou com alta de 4,28%, para 4.124 pontos. Em Frankfurt, o DAX terminou aos 4.381 pontos, com valorização de 6,07%. O CAC 40, de Paris, avançou 5,37%, para 2.992 pontos. Entre os destaques, as ações do Royal Bank of Scotland (RBS) subiram 12,35%, as do HSBC ganharam 11,75% e as do Allied Irish Banks voltaram a subir, desta vez com avanço de 22,22%. O aumento das vendas de carros na Alemanha e na França levou a uma recuperação também dos papéis de montadoras: as ações da Daimler subiram 14,31%; as da BMW ganharam 14,32%; as da Renault, 13,94%; e os papéis da Peugeot subiram 13,73%. Outro grupo de papéis importantes, os de mineração, também avançou no pregão: as ações da BHP Billiton tiveram alta de 10% e os da Rio Tinto elevaram-se 8%. O preço do cobre para entrega em três meses subiu mais de 3% na bolsa de futuros de Londres e colaborou para o movimento.

As bolsas de valores dos Estados Unidos tiveram um rali na quinta-feira pelo terceiro pregão seguido, à medida que mais dados sugeriram que a economia está se estabilizando e mudanças numa regra de contabilidade bancária animaram o setor financeiro. O índice Dow Jones avançou 2,79%, para 7.978 pontos; o Nasdaq subiu 3,29%, para 1.602 pontos; e o índice S&P500 teve valorização de 2,87%, para 834 pontos. Ações de empresas dos setores industrial, de tecnologia, de consumo e de energia foram as que mais se valorizaram, depois que dados do governo mostraram que as encomendas à indústria nos Estados Unidos cresceram em fevereiro pela primeira vez em sete

meses, somando-se a dados positivos da economia divulgados no início da semana. Os papéis da General Electric subiram quase 6%.

Os futuros do petróleo nos Estados Unidos tiveram na quinta-feira o maior ganho percentual em três semanas, impulsionados pela alta em Wall Street com o otimismo de que as ações acertadas por líderes mundiais na cúpula do G20, em Londres, possam restabelecer o crescimento econômico global. O dólar recuou frente ao Euro após o Banco Central Europeu decidir por um corte nas taxas de juros menor que esperada, fazendo commodities, como o petróleo, mais atrativas aos investidores. Na Nymex, o petróleo para entrega em maio subiu 4,25 dólares, ou 8,78%, a 52,64 dólares por barril. Foi a maior alta percentual desde o dia 12 de março, quando a commodity teve ganhos de 11,1%. Em Londres, o petróleo Brent para entrega em maio subiu 4,31 dólares, ou 8,9%, a 52,75 dólares por barril.

Entre as notícias corporativas, o Pão de Açúcar esclareceu na quinta-feira os rumores de que estaria negociando a compra da rede de lojas do Ponto Frio, colocada a venda pela sua controladora Globex. A empresa afirmou que não existe qualquer proposta de natureza vinculante ou não, envolvendo a companhia.

A Petrobrás anunciou que começou o ano com caixa de R\$ 16 bilhões, apresentando um nível de liquidez mais favorável do que no ano passado. Segundo José Sérgio Gabrielli, presidente da estatal, se a cotação do petróleo permanecer em US\$ 37,00 na média anual, a geração de caixa será de aproximadamente US\$ 10 bilhões. Além disso, cada dólar acrescentado no preço do óleo bruto aumenta US\$ 500 milhões no caixa anual da petrolífera.

A Vale confirmou na quarta-feira a conclusão do processo de aquisição de ativos de exportação de carvão térmico na Colômbia. O investimento na operação foi de US\$ 305,8 milhões. O objetivo da empresa é construir uma plataforma de ativos

de carvão no país, expandindo sua participação neste segmento, sendo que a Colômbia é o terceiro maior exportador de carvão térmico de alta qualidade no mundo.

A VCP informou que vê a possibilidade de aumento nos preços da celulose na Ásia, devido à recuperação da demanda chinesa. De acordo com o diretor-presidente da VCP, os preços praticados nas transações podem sofrer um reajuste de US\$ 20,00 a US\$ 30,00 por tonelada. Ademais, depois de ver seu caixa cair para 529 milhões de reais em dezembro, já descontadas as obrigações com contratos de derivativos, a VCP informou na quinta-feira que os recursos disponíveis subiram para 2,3 bilhões de reais ao final de março. Em teleconferência com analistas, Paulo Prignolato, diretor de finanças e relações com investidores da companhia, disse que o caixa foi reforçado com 1,5 bilhão de reais pagos pela Votorantim Industrial e BNDES para subscrever o aumento de capital da companhia, dentro do cronograma de incorporação da Aracruz. Desses recursos, a empresa decidiu quitar 1,5 bilhão este ano, recursos que já foram pagos às famílias Lorentzen, Moreira Salles, Almeida Braga e Safra, detentores das ações da Aracruz. O parcelamento foi feito como forma de preservar a liquidez da companhia, segundo ele. Os demais pagamentos acontecem ao longo de 2010 e 2011, disse a empresa.

A Marfrig anunciou ao mercado que inaugura no próximo sábado sua operação de produção de carne de cordeiro em sua planta na cidade de Promissão, em São Paulo, onde já abate bovinos. A expectativa é abater 1.000 ovinos por dia. A empresa não trabalhava com a produção de ovinos até então no Brasil, mas mantém uma planta no Uruguai e outra no Chile com abate total de 8.400 ovinos por dia. O total da empresa nesse segmento, portanto, somará 9.400 cabeças/dia. A Marfrig não informa o montante investido na nova atividade em solo brasileiro, mas avisa que a distribuição do produto seguirá para restaurantes,

churrascarias e grandes redes de supermercados, além de também ser exportada.

Fora do índice, as ações ON da MMX Mineração dispararam 22,16%, para R\$ 4,52. A empresa controlada por Eike Batista já teria interessados em comprar seus ativos. Contribuindo para os ganhos, relatório do UBS apontou que a ação pode valer até R\$ 9,0. O papel ON da LLX Logística, outra empresa de Batista, subiu 13,52%, a R\$ 1,93.

O Banco Indusval estuda vender controle e até 49% do capital total da Indusval Corretora de Títulos e Valores Mobiliários caso seja levada a cabo uma parceria estratégica com Alexandre Atherino, ex-diretor da corretora e banco Fator, e Luis Fernando Monteiro Gouvea, diretor operacional e principal acionista da Comercial Asset Management Administração de Recursos S/A. Para estudar essa possibilidade, o Indusval assinou um protocolo de entendimento, sem caráter vinculativo, com a Serendipity Holding Financeira, que é controlada por ambos os profissionais. O objetivo da parceria é ampliar os negócios da corretora Indusval, segmento em que os dois profissionais têm larga experiência. A venda de participação mencionada depende da conclusão dos estudos e do entendimento entre as partes, mas não há no comunicado data prevista para isso. Caso o acordo seja fechado, o Indusval afirma que a corretora continuaria sendo empresa fechada, mas o controle passaria para a Serendipity.

A Bombardier Inc. irá eliminar 3 mil postos de trabalho, ou 10% de sua força de trabalho no setor aeroespacial, até o fim do ano por causa da queda na demanda pelos jatos comerciais da empresa. A companhia canadense espera entregar 25% menos jatos executivos este ano em relação ao anterior. Em fevereiro, a empresa avisou de um corte de mais de 1,3 mil empregos. No quarto trimestre do ano fiscal 2009, a Bombardier registrou lucro líquido de US\$ 309 milhões, acima dos US\$ 218 milhões somados em mesmo período do calendário antecedente. No ano encerrado em 31 de janeiro, o lucro líquido foi de US\$ 1 bilhão, melhor do que os

US\$ 317 milhões apurados no exercício anterior. A receita consolidada totalizou US\$ 5,4 bilhões no trimestre e US\$ 19,7 bilhões no ano fiscal, comparável aos respectivos US\$ 5,4 bilhões e US\$ 17,5 bilhões de mesmos intervalos do calendário antecedente.

A Research In Motion (RIM), fabricante do aparelho BlackBerry, registrou lucro líquido de US\$ 518,3 milhões (US\$ 0,90 por ação) em seu quarto trimestre fiscal, encerrado em 28 de fevereiro último. O valor representa um crescimento de 25,6% em relação ao mesmo período do exercício fiscal anterior, quando o ganho ficou em US\$ 412,5 milhões (US\$ 0,72 por ação). No trimestre em questão, a receita bruta da companhia cresceu 25%, para US\$ 3,46 bilhões, um pouco acima das projeções de analistas, que apontavam para um cifra de US\$ 3,41 bilhões. No pregão after-hours, as ações da RIM dispararam 21,59%, para US\$ 59,69.

O The Wall Street Journal informou na quinta-feira que a IBM cortou os valores de sua oferta pela Sun Microsystems Inc para entre 9 dólares e 10 dólares por ação. A aquisição da Sun daria a IBM liderança absoluta no mercado de servidores contra a Hewlett-Packard Co (HP) e a Dell Inc. A compra estenderia também o portfólio de software da IBM e daria à empresa vantagem contra a Cisco Systems Inc, vista por alguns como a maior rival no longo prazo.

A Telecom Italia convidou potenciais compradores a submeter ofertas para sua unidade alemã de banda larga HanseNet, entre 10 e 20 de abril. Vodafone, Telefónica e a United Internet, da Alemanha, demonstraram interesse, ainda que tais manifestações não sejam formais. A Telecom Italia disse a analistas em dezembro que iria considerar a venda de sua banda larga européia, da Telecom Italia Sparkle e das unidades localizadas em Cuba como parte dos planos para reduzir ativos não prioritários. Em meados de fevereiro, o presidente-executivo da Telecom Italia, Franco Bernabe disse que um processo formal de venda da HanseNet ainda não tinha sido aberto.

Na sexta-feira, os investidores resistiram na ponta compradora pelo quarto dia consecutivo, empurrando a Bovespa para cima dos 44 mil pontos pela primeira vez em seis meses. Depois de uma breve tentativa de realização de lucros pela manhã, o Ibovespa encerrou o dia com alta de 1,50%, apontando 44.390 pontos. O giro financeiro seguiu elevado, somando R\$ 4,91 bilhões. Com esta pontuação, o ganho acumulado na semana ficou em 5,93%. Com isso, o mercado brasileiro completa quatro semanas seguidas com valorização, algo não observado em cerca de um ano. Em 2009, o Ibovespa registra alta de 18,22%.

As líderes de ganhos foram as sucroalcooleiras, depois que o presidente da Petrobras Biocombustíveis, Alan Kardec, voltar a dizer que a companhia pretende comprar participações em empresas de álcool: São Martinho, que não faz parte do Ibovespa, disparou 13%, valendo 14 reais, seguida por Cosan, com valorização de 12,2%, a 12,34 reais.

Os setores financeiro e de papel e celulose, além de companhias ligadas a siderurgia e mineração, reforçaram a recuperação do mercado, puxadas pela Vale, que avançou 1,6 %, para 29,15 reais.

As bolsas asiáticas fecharam a sexta-feira em alta, com exceção da China, puxadas pelos resultados positivos da reunião do G-20 que re-alimentam a esperança de que as ações governamentais possam levar a uma solução para a atual crise mundial. o índice Nikkei 225 de Tóquio fechou em leve valorização de 0,34%, aos 8.749,84 pontos. O Hang Seng de Hong Kong teve ganhos de 0,16%, encerrando o pregão aos 14.545,69 pontos. Em Seul, o Kospi ganhou 0,53%, aos 1.283,75 pontos. O Shanghai Composite, em Xangai, apresentou perda de 0,23%, aos 2.419,78 pontos.

Os dados ruins do mercado de trabalho norte-americano impactaram negativamente as bolsas européias, que fecharam, em sua maioria, no vermelho. Ao final dos negócios, o FTSE-100, de Londres, fechou com queda de 2,31%, para 4.029 pontos; em Paris, o CAC 40 terminou em baixa de 1,11%, para 2.958

pontos; o DAX, de Frankfurt, encerrou com valorização de 0,07%, para 4.384 pontos.

As ações do Credit Suisse caíram 5,2% após subirem mais de 11% na semana. Os papéis do Deutsche Bank recuaram 1,8%. Também afetaram os negócios do dia a baixa do setor farmacêutico, após o Conselho dos Estados Unidos negar apoio a uma droga experimental para tratamento de diabetes: as ações da Novo Nordisk declinaram 13,7% e as da Roche caíram 4,5%.

Em contrapartida, as ações da Daimler subiram 5,9% em Frankfurt e os papéis da Renault ganharam 12% após o Credit Suisse elevar a recomendação para o setor para "acima do mercado", ressaltando que os acionistas podem estar prejudicados por excesso de pessimismo em relação às montadoras.

Nos Estados Unidos, as bolsas de Nova York conseguiram inverter o rumo de baixa que marcou a maior parte do pregão e fecharam com valorização. A volatilidade predominou, com os investidores ponderando dados ruins de emprego e comentários otimistas do presidente do Fed, Ben Bernanke. O Dow Jones Industrial avançou 0,50%, para 8.017 pontos, primeira vez em cerca de dois meses que o índice supera os 8 mil pontos; o S&P500 fechou em alta de 0,97%, para 842 pontos; o eletrônico Nasdaq encerrou com 1.621 pontos, com valorização de 1,20%. No final do pregão, as ações de destaque ainda eram do setor bancário, como vem ocorrendo com frequência. As ações da Wells Fargo fecharam com alta de 6,59% (US\$ 16,34) e as do JP Morgan avançaram 3,98% (US\$ 29,28). Os papéis da RIM, fabricante do BlackBerry, saltaram 20,78% (US\$ 59,29) após a empresa divulgar estimativas de ganho superiores ao esperado pelo mercado, e puxaram para cima a bolsa Nasdaq.

No cenário corporativo, a Petrobras informou que cancelou mais dois pacotes de obras de grande porte da refinaria de Pernambuco, cujo cronograma está atrasado em seis meses. Isso aconteceu porque a estatal não obteve sucesso nas negociações com os vencedores das licitações para construir as unidades de

destilação atmosférica e a de tratamento hídrico da refinaria, na tentativa de reduzir os preços originais.

A Petrobras manteve pelo segundo trimestre consecutivo a liderança em vendas de petróleo entre as empresas latino-americanas, segundo informou a consultoria Económica. A estatal brasileira arrecadou US\$ 19,768 bilhões com suas vendas realizadas nos três últimos meses de 2008, seguida de perto pela mexicana Pemex, que obteve US\$ 19,088 bilhões. Apesar dos dois trimestres na dianteira, a Petrobras ainda busca fechar um ano cheio na frente. Mesmo atrás no segundo semestre, a Pemex fechou o ano passado com vendas de US\$ 96,074 bilhões, contra US\$ 92,049 bilhões da estatal brasileira.

A Petrobras Biocombustível informou vai ampliar a capacidade de processamento de suas três usinas de biodiesel, que em 2013 terão capacidade total de produção de 274 milhões de litros por ano. A usina Darcy Ribeiro, na cidade mineira de Montes Claros, terá a sua capacidade elevada dos atuais 57 milhões de litros anuais para 80 milhões de litros até 2013. A unidade de Quixadá, no Ceará, que tem condições de produzir 57 milhões de litros por ano, passará por aumento de capacidade instalada semelhante até 2013. A usina de Candeias, na Bahia, terá a capacidade duplicada, dos atuais 57 milhões de litros anuais para 114 milhões de litros em 2013. A Petrobras Biocombustível pretende ainda estabelecer contratos com duração de cinco anos, com possibilidade de reajustes anuais, com os agricultores responsáveis pelos insumos vendidos às usinas. A empresa fornece sementes e assistência técnicas aos agricultores e negocia com Banco do Brasil e Banco do Nordeste um sistema mais ágil para permitir o acesso destes produtores rurais ao crédito de custeio agrícola.

A Usiminas anunciou que, após conseguir do governo de Minas Gerais a ampliação dos benefícios fiscais, firmou a manutenção de seu plano de investimentos no estado, que soma R\$ 19,1 bilhões e não tem prazo fixo para se realizar, além de obter deferimento na cobrança de ICMS sobre a compra de bens

de capital para ativos fixos tanto para a principal empresa do grupo, como para suas subsidiárias. As ações ON da companhia encerraram em alta de 0,78%, enquanto os papéis PNA caíram 0,13%.

A Gol informou que assinou um acordo comercial com o grupo Air France – KLM, o maior grupo de transporte aéreo da Europa. A cooperação que será feita em duas fases permitirá a integração dos programas de milhagens das companhias e prevê a efetivação de um compartilhamento de vôos. Os papéis PN da Gol encerraram com ganhos de 2,70%.

Entre as maiores altas do Ibovespa na sexta-feira, figuraram os papéis ON da Cosan, influenciados pelas perspectivas positivas para o mercado de açúcar e etanol brasileiro. Além disso, a proximidade do período de safras chamou a atenção dos investidores.

A Dufry South America, empresa que controla as lojas Duty Free no Brasil e na Bolívia e em cruzeiros na América do Sul, apresentou na sexta-feira os resultados referentes ao ano passado: a companhia, que tem sede em Luxemburgo e recibos de ações negociados na Bovespa, teve lucro líquido de US\$ 32,5 milhões entre outubro e dezembro de 2008, uma alta de 59,2% quando comparado aos US\$ 20,4 milhões obtidos em igual período de 2007. Em todo o ano de 2008, o ganho líquido somou US\$ 92,6 milhões, avanço de 39,8% no comparativo anual. O aumento do lucro ocorreu a despeito do impacto negativo da crise internacional sobre o desempenho do quarto trimestre, quando o dólar passou a subir, aumentando o preço dos produtos para os consumidores brasileiros, além de reduzir a demanda por viagens internacionais. Segundo a Dufry, o número de passageiros caiu 5% no último trimestre do ano. Tais fatores fizeram a receita líquida cair 6% no quarto trimestre, perante o mesmo período de 2007, para US\$ 133,3 milhões. Por outro lado, a companhia registrou uma receita financeira de US\$ 23 mil no intervalo, contra uma despesa financeira de US\$ 7,7 milhões no

último trimestre de 2007. Nos nove primeiros meses do ano, amparada pela valorização do real e pelo aquecimento da economia, a Dufry investiu em mudanças no layout e na diversificação da oferta de produtos, conseguindo um aumento de 28% na receita líquida naquele período. Assim, no acumulado de 2008, a receita líquida da empresa totalizou US\$ 608,2 milhões, uma alta de 18% perante 2007.

A empresa de serviços de entregas FedEx anunciou na sexta-feira que vai demitir 1.000 funcionários nos Estados Unidos como parte do plano de redução de custos de US\$ 1 bilhão anunciado em março. A FedEx, que já tinha demitido 900 empregados em fevereiro, emprega 290 mil pessoas em todo o mundo. Além dos cortes de vagas, o plano de corte de custos inclui redução de número de horas trabalhadas e da rede de entregas da empresa.

As gigantes hipotecárias Fannie Mae e Freddie Mac vão pagar US\$ 159 milhões em bonificações a funcionários em 2009 e 2010, além dos US\$ 51 milhões já pagos no ano passado. O pagamento de bônus para reter os empregados havia sido divulgado pelo jornal americano Washington Post em 18 de março, mas os valores não tinham sido revelados. Em carta ao Comitê de Finanças do Senado dos Estados Unidos, James B. Lockhart, responsável pelas duas empresas desde seu resgate pelo governo americano, justificou a decisão como sendo necessária para manter funcionários importantes, sem compensar por performances ruins.

O presidente do Lenovo Group, quarto maior fabricante mundial de computadores, afirmou na sexta-feira que agora não é um bom momento para procurar por fusões ou aquisições, mesmo que os preços dos ativos estejam relativamente baixos. Executivos da Lenovo haviam afirmado anteriormente que a empresa, que concorre com a Dell e a Hewlett-Packard (HP), estava em busca de aquisições em mercados emergentes, especialmente Brasil, China e Índia. A empresa chegou a negociar uma possível compra da brasileira Positivo, mas as partes não chegaram a um acordo. A Lenovo realinhou sua estrutura de negócios

# FUNDAMENTUM

na semana passada para dividir as atividades entre mercados emergentes e maduros, com a criação de duas novas unidades de negócios que substituem as organizações regionais de mercado existentes na empresa.

## IBOVESPA - Maiores na SEMANA

<b>Altas</b>	<b>Preço</b>	<b>(%)</b>	<b>Baixas</b>	<b>Preço</b>	<b>(%)</b>
Gafisa ON	13,75	23,87	Tam S.A. PN	13,05	-7,58
Duratex PN	17,64	23,79	Redecard ON	26,40	-7,37
Cyrela Realt ON	10,86	23,41	Tim Part. S.A. PN	2,64	-5,86
Cosan ON	12,34	18,42	Souza Cruz ON	45,00	-5,85
Aracruz PNB	1,81	18,30	Telemig Part. PN	40,89	-5,01
Vcp PN	12,97	17,37	Vivo PN	31,00	-4,61
Embraer ON	8,57	15,34	Celesc PNB	31,71	-2,43
Telemar N L PNA	57,85	13,44	Gol PN	6,85	-1,15
Banco do Brasil ON	19,10	12,35	Natura ON	22,25	-0,98
All Amer.Lat. Unit	11,20	12,34			

## Maiores no ANO

<b>Altas</b>	<b>Preço</b>	<b>(%)</b>	<b>Baixas</b>	<b>Preço</b>	<b>(%)</b>
Telemig Part. PN	40,89	41,03	Tam S.A. PN	13,05	-31,64
Petrobras ON	38,50	40,05	Gol PN	6,85	-30,88
Sid. Nacional ON	37,30	36,16	Vcp PN	12,97	-27,67
Banco do Brasil ON	19,10	34,44	Aracruz PNB	1,81	-27,31
BMF Bovespa ON	7,99	34,12	Sadia S.A. PN	3,18	-15,20
Eletropaulo PNB	34,20	34,11	Celesc PNB	31,71	-9,14
NET PN	17,72	33,47	Klabin S.A. PN	3,04	-8,16
Petrobras PN	30,40	33,10	Tim Part. S.A. PN	2,64	-6,50
Gafisa ON	13,75	31,07	Comgas PNA	31,50	-4,75
Bradespar Pn	24,65	28,51	Gerdau Met. PN	19,10	-4,57

## **Fatos econômicos da semana seguinte**

<b>SEGUNDA-FEIRA 06/04</b>
Bacen: Pesquisa focus
IBGE: Pesquisa industrial mensal - regional (fevereiro)
Anfavea: Indústria automobilística (março)
Secex: Balança comercial (primeira semana de abril)
Zona do Euro: Índice de preços ao produtor (PPI) (fevereiro)
Zona do Euro: Vendas no comércio varejista (fevereiro)
<b>TERÇA-FEIRA 07/04</b>
FGV: IGP-DI (março)
IBGE: Levantamento sistemático da produção agrícola (março)
CNI: Indicadores da indústria de transformação (fevereiro)
ESTADOS UNIDOS: Crédito ao consumidor (fevereiro)
Reino Unido: Produção industrial (fevereiro)
Japão: Balança comercial (fevereiro)
Japão: Anúncio de taxa de juros (BoJ)
<b>QUARTA-FEIRA 08/04</b>
FGV: IGP-M (primeira prévia de abril)
FGV: IPC-S (primeira quadrissemana de abril)
IBGE: IPCA (março)
IBGE: INPC (março)
IBGE: Pesquisa de custos e índices da construção civil (março)
Bacen: Fluxo cambial (semanal)
Funcex: Indicadores trimestrais (primeiro trimestre de 09)
ESTADOS UNIDOS: Dados do setor hipotecário (semanal)
ESTADOS UNIDOS: Estoques no atacado (fevereiro)
Alemanha: Encomendas da indústria (fevereiro)
Alemanha: Balança comercial (fevereiro)
Japão: Encomenda de máquinas (fevereiro)

**QUINTA-FEIRA 09/04**

FIPE: IPC-Fipe (primeira quadrissemana de abril)

IBGE: Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário - PIMES (fevereiro)

ABCR: Índice ABCR de atividade (março)

ESTADOS UNIDOS: Pedidos iniciais de auxílio desemprego (semanal)

ESTADOS UNIDOS: Índice de preços de importados (março)

Alemanha: Índice de preços ao consumidor (CPI) (março)

Alemanha: Produção industrial (fevereiro)

Reino Unido: Balança comercial (fevereiro)

Reino Unido: Anúncio de taxa de juros (BoE)

**SEXTA-FEIRA 10/04**

Brasil: Feriado nacional

ESTADOS UNIDOS: Relatório mensal de orçamento (março)

OCDE: Indicador antecedente de atividade (fevereiro)

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

[yann.alves@grupofundamentum.com.br](mailto:yann.alves@grupofundamentum.com.br)

## TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para [yann.alves@grupofundamentum.com.br](mailto:yann.alves@grupofundamentum.com.br). Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.